

ESTA PESQUISA AINDA ESTÁ LINEAR, MAS EM BREVE NÃO ESTARÁ!



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG ÓRGÃO
DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS - ODEERE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS
E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC)



MARIANA CAROLINE PEREIRA FERREIRA

ESCUITA DE UMA PÉ DE VÉIA NO NIEFAM: OFICINAS DE TEATRO E
MUSICALIDADE COMO METODOLOGIAS PARA ACESSAR AS MEMÓRIAS
ANCESTRAIS DE MULHERES DA TERCEIRA IDADE

JEQUIÉ - BA
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC

MARIANA CAROLINE PEREIRA FERREIRA

**ESCUITA DE UMA PÉ DE VÉIA NO NIEFAM: OFICINAS DE TEATRO E
MUSICALIDADE COMO METODOLOGIAS PARA ACESSAR AS MEMÓRIAS
ANCESTRAIS DE MULHERES DA TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC, para obtenção do título de Mestra.

Linha 1: Etnicidade, memória e educação

Orientador(a): Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto

Coorientadora: Prof^a Dr^a Ana Carolina Fialho de Abreu

M543n Ferreira, Mariana Caroline Pereira.

Escuta de uma pé de véia no Niefam: oficinas de teatro e musicalidade como metodologias para acessar as memórias ancestrais de mulheres da terceira idade / Mariana Caroline Pereira Ferreira. - Jequié, 2025.
89f.

(Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Danilo César Souza Pinto e coorientação da Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu)

1.Ancstralidade 2.Memória 3.Cordel 4.Terceira idade 5.Teatro
I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 793.31954

MARIANA CAROLINE PEREIRA FERREIRA

**ESCUITA DE UMA PÉ DE VEIA NO NIEFAM: OFICINAS DE TEATRO E
MUSICALIDADE COMO METODOLOGIAS PARA ACESSAR AS
MEMÓRIAS ANCESTRAIS DE MULHERES DA TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 1: Etnicidade, memória e educação

Aprovado em: 29 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA




Prof^o Dr. Danilo César Souza Pinto (UESB)
Presidente da Banca/Orientador



Prof^a Dr^a Ana Carolina Fialho de Abreu (UESB)
Coorientadora



Prof^a Dr^a Neide das Graças de Souza Bortolini (UFOP)
Examinadora Externa



Prof^o Dr. Daniel Valério Martins (UESB)
Examinador Interno

**JEQUIÉ
2025**

o aflorar ancestral

*A todas minhas ancestres Gostaria de saudar Por
estarem comigo Em todo lugar Lutando pela arte
Levando para toda parte Permitindo continuar*

*Desde quando me reconheci Sentia uma
necessidade
De ver tudo que era claro demais
Escurecer de verdade Minha alma, meu corpo,
meu povo Aflorar minha ancestralidade*

*São muitas labutas Dentro do movimento Para
um caso contado
Uma bagagem de ensinamento Adentrando
minh'alma
Outra forma de conhecimento*

*Aterrar, pés descalços Contato com o chão
Pisada do coco ou samba
Um sentimento forte no coração O que a arte
ancestral provoca
É uma mistura de grande emoção.*

(Ferreira, M C P, 2021 p. 42)

AGREDECIMENTOS

É chegado o momento de agradecer a toda minha ancestralidade que me fez permanecer firme para não desistir ao decorrer do caminho. As encruzilhadas, às vezes, são difíceis de caminhar e se encontrar, mas com fé no que acredito, tudo se *alumeia* novamente e me faz repensar, respirar e recomeçar de onde parei. As correntezas turbulentas voltam a ser uma cachoeira tranquila, mas cheia de mistérios. Assim como as espirais da vida.

Não seria Mari Caroline se não agradecesse à tão falada Dona Valda (Teneba nº1), todas senhoras do NIEFAM e as que encontrei no caminho. Vocês são um dos principais motivos desta dissertação ser escrita com tanto cuidado e afeto que sinto por cada uma de vocês. Falar sobre as mais velhas, ser uma *pé de véia* fez e continua fazendo sentido para continuar nessa longa estrada da vida. Como é grande o meu amor por vocês!

Aos meus grandes Tenebas, minha mãe e meu pai, que sempre foram o motivo de tanto incentivo nos estudos e que, mesmo sendo difícil, estavam ali mesmo se, em um ato de bravura, decidissem não mais continuar. O tempo passou e nós aprendemos juntos que em nossos momentos de fraqueza é que encontramos bravura para dar aberturas para os caminhos que vieram para nós. Sou grata demais e orgulhosa pela mãe e pelo pai que tenho. Eu amo muito vocês.

À minha amor, parceira, leonina do coração enorme Josi, você não imagina o tanto que sou grata por cada momento que compartilhamos juntas. Sejam eles bons ou ruins. Agradeço por aguentar minha cara emburrada de chateação comigo mesma e dizer as mais belas palavras ou apenas dar-me um abraço para compreender que nada e ninguém deve me afetar ao ponto de não conseguir mais acreditar em mim mesma. Te amo e você é Teneba demais.

Às minhas *cumades* Érica e Umberd por me suportarem tanto tempo, por serem confidentes, irmãs. Por proporcionarem as melhores risadas, mesmo contendo uma dose de humilhação (né, dona Umberd?), você não sabe quanto isso me salvou e me tirou sorrisos em dias que mal queria levantar da cama. Vocês são minhas irmãs, minhas ancestras, mulheres que enchem o peito para dizer que são fodas para caramba e que ninguém ouse falar mal de vocês (só eu). Eu te amo, Érica. Te amo, Umberd. Fiquem ricas logo para me levarem para muitas viagens e pagar meus boletos (risos).

Minha Tia Ná, à quem sempre sou grata por ter me apresentado a arte e suas diversas maneiras de expressá-la, desde quando adolescente quando fazia biscuit, nas apresentações de poesias vestida da nossa passarinha Vó Sadu, até me apresentar o Teatro onde os meus caminhos começaram a ser trilhados. Me formei em Teatro, e hoje estou aqui agradecendo

novamente por ser mestra. Mas sabemos muito bem quem são os maiores mestre e mestra de nossas vidas, pois a sabedoria popular é muito potente e vem daqueles/daquelas que não tiveram a mesma oportunidade que nós. Sou muito grata por tanto. Te amo, Teneba.

Ao meu teimoso e às vezes amoroso Yan (Mc Astro) mesmo com tantas diferenças, a gente se ama do nosso jeito, estamos juntos, brigamos, fazemos as pazes, compartilhamos histórias de suas batalhas de rap, na qual sou orgulhosa demais. Yan, creio que quase nunca precisamos de palavras para falar da admiração que temos um pelo outro, mas sabemos nos pequenos detalhes o quantoentimento que existe aqui dentro de nós. Te amo, fei.

Como fui sortuda por entrar, fazer parte de uma turma com 14 mulheres. Turma Lélia Gonzalez que nunca nos permitimos ser caladas, mesmo diante a tantas questões. Dividir nossas dores, nossas alegrias é que nos fortalece enquanto humanas. Sou muito orgulhosa pelo caminho traçado por cada uma de vocês. Nós conseguimos, fizemos muitas resenhas, comidas, tantas risadas, choros... são memórias que carregarei com muita alegria. Obrigada, turma *potoque*, por sermos as mais *revoltadas* por expor nossas opiniões e ir atrás dos nossos direitos. “DEIXE ELAS QUE ELAS SERÃO MESTRAS”.

À Jeh por ter me escutado nos melhores e piores momentos, desde a comemoração até os momentos de crises. Por me acolher mesmo estando do outro lado do oceano. Te admiro.

Gostaria de agradecer à Profª PhD Luzia Wilma, que me acolheu no NIEFAM desde quando entrei na graduação, lá em 2016. Me deu uma grande oportunidade de estar perto de pessoas tão sábias que me tiravam os mais sinceros sorrisos. Agradeço ainda mais por ter proporcionado, mais uma vez, realizar esta pesquisa onde aprendi muito com cada senhora durante cada oficina. Sou muito, muito grata.

Aos mestres e mestras do PPGREC por partilhar tantos ensinamentos, seus legados e momentos marcantes nesta minha jornada como mestranda. *Agradicida*.

As minhas maravilhosas Roquelina e Cida que me acolheram tão bem e tão humana dentro e fora do programa. Vocês fazem parte de cada parte desta trajetória.

Não poderia faltar o meu agradecimento à minha banca tão maravilhosa formada por Neide e Daniel. Pessoas que me ajudaram bastante durante a qualificação me proporcionaram caminhos e reflexões, que ampliaram a minha espiral de raciocínio. Neide, tão querida, que me fez entender o que eu estava ainda na dúvida e ainda me ajudou, de forma indireta, a pensar em futuros projetos onde posso realmente me aprofundar sobre o que quero muito descobrir com mais sabedoria. Sou muito grata por terem aceitado fazer parte dessa gira comigo.

Esta pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.

E por último e mais importante agradeço a mim (e claro a toda a ancestralidade que nunca me abandonou). Agradeço por tudo que passei no decorrer dessa encruzilhada, dos momentos de fraqueza que persisti em não desistir, pois a escrita é árdua, solitária e para quem tem (diagnosticado ou não) o Transtorno Generalizado de Ansiedade – TAG sabe o quanto as crises podem nos atrapalhar nesse processo. Isso fez duvidar da minha capacidade de escrever esta dissertação, de me preocupar por não estar ou ter sido uma boa orientanda, de começar a comparar por quantidade de páginas escritas e não com a qualidade (que são coisas distintas), por me sentir perdida de mim mesma. Muitas, muitas vezes fiz as contas a cada momento que era dito que poderia devolver a bolsa devido aos prazos, mas estou aqui, emocionada, por ter chegado até esse pedaço da gira, pois ela continuará girando por outros lugares. Mari Caroline, você é incrível e jamais duvide disso.

Muito Axé para as novas encruzilhadas.

*Porque não tenho riqueza
Não vou me aborrecer
Ando, falo, ouço, vejo
Para que melhor prazer?
Para até hoje eu viver
Não foi preciso eu roubar
Nem o sangue do próximo por dinheiro derramar
Deus está sempre comigo
Para em tudo eu triunfar.*

Verso por Pedro de Souza, meu Vô

RESUMO

O propósito desta pesquisa é rememorar as histórias de vida das(os) senhoras(es) do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivência com Doenças Crônicas (NIEFAM), tendo como perspectiva metodológica o teatro, a musicalidade e o cordel para reviver a ancestralidade e as memórias das mulheres participantes desse Núcleo. Disparadores como “conte uma primeira vez” ou “relacione uma música a uma memória” foram utilizados para acessar memórias e pertencimentos étnicos e raciais. No decorrer das oficinas apresento o cordel como forma de potencialização para contação de suas próprias histórias, visto que, ao longo do trabalho, as memórias se tornam também folhetos de cordéis. Pesquisas de referência para essa dissertação podem ser encontradas nas obras de Leda Maria Martins (2021a, 2021b) e Edeise Gomes (2016/2017) que trabalham os conceitos da ancestralidade, encruzilhada e tempo espiralar. Os principais resultados dessa pesquisa se referem à inovação metodológica na forma de acessar as memórias, que foram compartilhadas e nas memórias em si, que revelam com profundidade e delicadeza momentos importantes dessas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade; memória; cordel; terceira idade; teatro.

ABSTRACT

The objective of this research is to remember the life stories of the ladies of the Interdisciplinary Center for Studies and Extension in Family Health Care in Coexistence with Chronic Diseases (NIEFAM), using theater and musicality as a methodological perspective to recover their ancestry based on their memories told orally or through body performance, small gestures, gaze or silence. During the workshops, I present cordel as a way to enhance the narration of their own stories, because, at the end of this research, their stories, shared during the workshops, will become cordel booklets. In this way, I believe that it is a way to empower these ladies that their ancestry through memories is relevant to be shown to the entire community. To advance my research, I bring some references such as Leda Maria Martins (2021a, 2021b), Edeise Gomes (2016/2017) who work with the concepts of ancestry, crossroads and performance in a non-linear way. And, mainly, because I believe that ancestry in their perspectives is not constituted only by the past. For this research analysis, I will also rely on studies on ethnic-racial groups, since most of the women in the workshop were black, cordel, encruzilhada, theater based on authors such as bell hooks, Viola Spolin, Jarid Arraes, among others.

KEY WORDS: Ancestry; memory; cordel; elderly; theater.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Carteira de identidade sem minha verdadeira identidade.....	19
Figura 2 - Apresentação do Grupo de Teatro Os Mensageiros.....	20
Figura 3 - Processo de observação com oficina de Dança Circular, ministrada por Mônica Alves.....	25
Figura 4 - Minha verdadeira identidade e a 3x4 que fizeram edições para afinarem meus traços e cor	30
Figura 5 - Curso: dedicatórias nos meus livros por Leda Maria Martins	38
Figura 6 -Vó Sadu e família no pé seriguela afetiva.....	41
Figura 7 - Dia que minha vó conheceu as outras senhoras da minha caminhada	69
Figura 8 - Eu e minha cumade na festa junina do NIEFAM	71
Figura 9 – Resultado impresso do folheto “NIEFAM: memórias ancestrais”	74

MAS QUE *DIACHO* É ISSO?

Prezados leitores(as), essa pesquisa trabalha na encruzilhada entre memórias de senhoras, minha trajetória enquanto artista-docente-pesquisadora e o universo do cordel. Desse modo, peço licença a vocês e a ancestralidade para me comunicar usando uma língua menos dura e acadêmica. Não estranhem as diferentes expressões coloquiais, afinal, a pesquisa é resultado do falar de gente muito simples e batalhadora, como eu e minhas interlocutoras com a bibliografia, em especial, minha interlocutora teórica principal, a professora Leda Maria Martins. Abaixo, algumas expressões que aparecem no texto e com as quais vocês já podem se familiarizar. Optei por não encher de aspas essas expressões para não quebrar o ritmo desse diálogo inspirado na literatura de cordel.

1. **Alarde** – Divulgação exagerada de algo; espalhafato, estardalhaço.
2. **Agradicida** – Maneira escutada e pronunciada por pessoas mais velhas e, também, mais novas.
3. **Axé** – Palavra de origem iorubá que significa força, energia ou poder; usada como saudação em religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda.
4. **Avoam** - forma popular de dizer voar ou voou.
5. **Causos** - Forma que minha vó e outras pessoas chamam de conversa ou história boa.
6. **Dedin** – Termo informal, variação de *dedinho*, usado em alguns contextos regionais do Brasil.
7. **Encantadeiras** – Pode se referir a mulheres que cantam encantamentos, geralmente ligadas à cultura popular e à oralidade em comunidades tradicionais.
8. **Escureza** – maneira de descolonizar a palavra “clara” para as explicações ficarem explícitas: “Entendi o assunto de forma bem escura”
9. **Encruzilhada** – Local onde dois ou mais caminhos se cruzam; também tem significado espiritual que é o orixá Exu, o rei das encruzilhadas.
10. **Escrevivência** – Conceito criado pela escritora Conceição Evaristo, que une *escrita* e *vivência* para definir uma literatura que nasce da experiência de pessoas marginalizadas, principalmente negras e periféricas.
11. **Escrita errante** – Escrita que se caracteriza pela experimentação, pelo deslocamento e pela ausência de um padrão fixo, desafiando normas tradicionais.
12. **Flashback** – Músicas ou histórias para lembrar eventos passados.
13. **Laroyê** – Saudação a Exu nas religiões afro-brasileiras, significando abertura de

caminhos e comunicação com os orixás.

14. **Matutando** – Pensando profundamente, refletindo sobre algo.
15. **Mode** – Pode significar modo, variação de *de modo que*.
16. **Modão** – Gênero musical sertanejo, caracterizado por canções longas e emotivas, muitas vezes ligadas ao sertanejo raiz.
17. **Modupé** – Expressão iorubá que significa agradecimento, utilizada em rituais religiosos para demonstrar gratidão.
18. **Mote** – Tema ou ideia principal que inspira um poema, um discurso ou uma discussão.
19. **Omolu** – Orixá da saúde e das doenças nas religiões afro-brasileiras, associado à cura e à transformação.
20. **Oralitura** – Conceito proposto por Leda Maria Martins que une *oralidade e literatura*, a performatividade do corpo destacando narrativas passadas pela oral e sua importância na cultura.
21. **Pé de véia** – Expressão popular, possivelmente relacionada a um local de encontro ou a algo ligado à tradição cultural e musical. Como me intitulo no caminhar da vida uma pé de véia.
22. **Pró** – Abreviação de professor(a),
23. **Teneba** – Expressão criada por Dona Valda, minha Vó, para substituir o *arretada* e é quem faz as coisas rápidas e bem feitas.
24. **Passarinhou** – Modo que costumo falar para aqueles e aquelas que já não estão presentes neste plano.
25. **Osada** – Modo que utilizo para me referir à palavra ousadia.

SIGLAS

1. **CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
2. **FGV** – Fundação Getúlio Vargas
3. **NIEFAM** - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivência em Doenças Crônicas
4. **ODEERE** – Órgão de Educação e Relações Étnicas
5. **PPGREC** – Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
6. **SAC** – Serviço ao Atendimento ao Cidadão
7. **UESB** – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

MATUTANDOS

MATUTANDO I: CAMINHOS DAS ENCRUZILHADAS	18
1.1 CAMINHOS DAS ENCRUZILHADAS.....	19
MATUTANDO II: MINHA ANCESTRALIDADE TEM HISTÓRIA.....	26
2.1 MINHA ANCESTRALIDADE TEM HISTÓRIA	27
2.2 LEDA MARIA MARTINS: A ESPIRAL QUE NÃO OUSA PARAR	30
2.3 ENCRUZILHANDOCOM LEDA MARIA MARTINS: NZILAS D'INGOMA: OS REINADOS NEGROS	34
MATUTANDO III: ESCRITA DE UMA PÉ DE VÉIA: O NIEFAM COMO SEMENTES PARA O FUTURO, PASSADO E PRESENTE	39
3.1 ESCUTA DE UMA PÉ DE VÉIA: O NIEFAM COMO SEMENTES PARA O FUTURO, PASSADO E PRESENTE.....	40
3.2 RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS X NIEFAM.....	43
3.3 CORDEL E A ORALITURA	44
MATUTANDO IV: MEU CORPO CARREGA MEMÓRIAS ANCENTRAIS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	48
4.1 MEU CORPO CARREGA MEMÓRIAS ANCESTRAIS (RELATOS DE EXPERIÊNCIA).....	49
4.2 MEMÓRIAS ANCESTRAIS.....	50
4.2.1 Primeiro Causo: <i>LIBERTAÇÃO</i>	51
4.2.2 Segundo caso: <i>O MAR SERENOU</i>	52
4.2.3 Terceiro caso: <i>O XOTE DAS MENINAS</i>	53
4.2.4 Quarto caso: <i>SEGREDO DO MAR</i>	54
4.2.5 Quinto caso: <i>ORAÇÃO DO ANJO</i>	56
4.2.6 Sexto caso: <i>CONQUISTANDO O IMPOSSÍVEL</i>	57
4.3 ESSA MODA TEM HISTÓRIA	59
4.3.1 Sétimo caso: <i>GABIRABA</i>	60
4.3.2 Oitavo caso: <i>NOITE BRASILEIRA</i>	62
4.3.3 Nono caso: <i>MEU BARQUINHO</i>	63
4.3.4 Décimo caso: <i>COMO É GRANDE O MEU AMOR POR VOCÊ</i>	64
4.3.5 Décimo primeiro: <i>CHICO MINEIRO</i>	66
4.4 “VOU LEVAR NO CORAÇÃO A FULÔ QUE TU ME DEU”.....	68
MATUTANDO V: A GIRA NUNCA DEIXARÁ DE GIRAR	72
5.1 A GIRA NUNCA DEIXARÁ DE GIRAR.....	73

6. REFERÊNCIAS ANCESTRAIS	76
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
8. APÊNDICES	79

MATUTANDO I: CAMINHOS DAS ENCRUZILHADAS



1.1 CAMINHOS DAS ENCRUZILHADAS

Aqui peço licença a minha ancestralidade para abrir os caminhos desta escrita e meu muito obrigada por estarem sempre me acompanhando em todos os momentos dessa minha existência. Axé.

Eu sou uma mulher negra, lésbica, atriz, cantora, pesquisadora, professora, cordelista, musicista, nascida em Salvador (BA), mas com a alma do interior da Bahia, especificamente, Brumado (BA). Sou filha de Inês, uma mulher de pele clara e Arilson, um homem negro. A minha família é basicamente constituída por relações interraciais, desde a minha bisavó que se casou com um homem negro; minha avó, também branca, casou-se com meu avô que, mesmo negando sua cor por muitos anos, hoje, aos 76, finalmente se vê como um homem negro.

Para me enxergar como uma mulher negra foi um processo doloroso, pois meus cabelos encrespados eram caso de chacota na escola, a cor da minha pele, meu fenótipo, eram motivos pelos quais nunca fui escolhida para ser rainha do milho, ou uma anjinha nas apresentações, pois, sempre me colocavam como bruxa. Aos 12 anos, resolvi alisar os meus cabelos para tentar me encaixar nos padrões das outras pessoas. Por que não bastava tirar notas boas, estudar bastante, ser uma aluna dedicada, fazer isso nunca me levou a ser escolhida como parceira em uma quadrilha junina, a ficar na frente das danças.

Quando alisei meus cabelos uma grande professora e hoje amiga disse “não perca suas raízes por conta dos outros”. Fiquei chateada com aquela fala, entretanto, depois de um tempo compreendi e a reproduzo quando estou no lugar de professora. Faço questão de elogiar os cabelos, a pele, e dizer para as pessoas que elas podem ser tudo o que quiserem nessa vida e que jamais tentem se encaixar para caber nos parâmetros do outro.

Figura 1 - Carteira de identidade sem minha verdadeira identidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Figura 2 - Apresentação do Grupo de Teatro Os Mensageiros¹



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Iniciei minha trajetória acadêmica no ano de 2016, no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Jequié. Logo no primeiro semestre, tive diversas oportunidades para me expressar artisticamente. Muitas colegas me convidaram para participar de seus Estágios Supervisionados – disciplinas obrigatórias da matriz curricular do curso –, como musicista, cantora, atriz etc. E também, fui convidada pela professora M^a Maria de Souza² para fazer parte do coletivo *Ciganas, Cigarras e Cirandas*, no qual tive meu primeiro contato direto com o cordel, através do espetáculo deste coletivo, *TrovinhasNa(f)talinas*, sendo que nesse processo eu escrevi, atuei, me encantei e me encontrei, ainda que de uma forma inconsciente, como uma cordelista.

Ao adentrar no segundo semestre letivo comecei a me aprofundar sobre a cultura popular e sua ampla diversidade. O aprendizado teve início na disciplina ministrada pela professora mestra Edeise Gomes³, *Processo de Criação Cênica II: Dança e Contemporaneidade*, que

¹ Grande parte das imagens, mesmo com autorização, seguirão o estilo parecido da arte de xilogravura como maneira de entrecruzilhar a escrita com as fotografias que aparecem ao decorrer do trabalho.

² Docente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Campus Jequié, nas Licenciaturas em Teatro e Dança. Curso doutorado em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA/2014). Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA/2008) desenvolveu pesquisas sobre a ciranda em Itamaracá-Pernambuco. Licenciada em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (2004). Tem experiência na área de Educação em Nível Superior com ênfase em trabalho vocal para a cena e Didática e Práxis do Ensino de Teatro. Pesquisa e realiza trabalhos artísticos tendo como temática a poética do brincante popular brasileiro, integrada no Coletivo Ciganas Cigarras e Cirandas. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6886065514371132>

³ Professora do curso de Dança e Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2016), Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento -DMMDC (2019) Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança - PPGDança/Ufba (2017), Especialista em

solicita em sua ementa um estágio investigativo prático-teórico sobre a criação artística e seus processos na Dança, voltados à discussão da noção de identificação/diferenças e entrecruzamento de linguagens artísticas, suas implicações no corpo e na dança na contemporaneidade. Nos foi apresentada como proposta de montagem cênica, o samba de pareia, que me oportunizou conhecer e reconhecer a minha própria ancestralidade, descobrindo assim, naquele momento, o universo da cultura popular como um dos motes para os meus processos artístico-pedagógicos e para novas possibilidades de investigação de pesquisa.

A palavra ancestralidade, antes desse momento, não esteve presente em minha vida. Na escola, poucas vezes foi citada ou explicada pelas professoras e professores. As perguntas que me lembro, eram sempre rasas, tais como, “O que vocês entendem sobre ancestralidade?” E as respostas sempre genéricas, “Nossos antepassados”, “Aquele povo que veio antes de nós?!”. Naquele momento, via-me perdida com aquelas respostas superficiais, afinal, era um assunto que parecia irrelevante naquela época. Mas, com o despertar que pude ter dentro da universidade, em especial, nesse processo criativo da disciplina, percebi o quão inocente era em não perceber a potencialidade e importância da ancestralidade em minhas encruzilhadas, e hoje para meus processos de criação e pesquisa.

Apesar de compreender poucas coisas sobre mim, sempre segui minha vida negando o meu próprio caminho, minha própria identidade, indo para direções opostas daquelas que me faziam bem, afinal, era mais fácil negar minha ancestralidade do que encontrar as respostas para ela, como já dizia a canção *Preciso me encontrar* de Cartola⁴. Entretanto, quando a professora Edeise Gomes nos apresentou o samba de pareia, a musicalidade, as histórias sobre a mestra Dona Nadir, sua cultura e todos os conteúdos teóricos sobre ancestralidade e identidade, passei a compreender o porquê do apego com minha vó materna, os arrepios nas idas para natureza e a sensação de pertencimento a um lugar, e finalmente eu, inicialmente, minha vida como

Arte-educação: Cultura brasileira e linguagens artísticas Contemporâneas/Ufba (2009/2010). Edeise é dançarina e pesquisadora. Lecionou na Universidade Federal de Sergipe (2013-2015). É graduada em Ciências Econômicas pela Ufba (2000) e Licenciada em Dança também pela Ufba (2008). Desde 2003 passou a compreender suas atuações em grupos culturais como nas quadrilhas juninas, grupo de capoeira e grupos folclóricos como possibilidades de processos criativos e produções de conhecimentos nas universidades. Suas áreas de interesse são os diálogos do corpo que se configuram a partir de mediações com culturas afrodiáspóricas, destacando temas como gênero, danças populares, metodologias de ensino/aprendizagem e decolonialismo. Integra os Grupos de Pesquisa: GPDACCO - Grupo de Pesquisa em Dança, Cultura e Contemporaneidade do programa de pós-graduação em Dança/UFBA (2015), liderado pela professora Daniela Amoroso; GAP-M ? Grupo de Ações Performativas ? Motus/ UESB (2016), liderado pelo professor Aroldo Fernandes e; GIRA ? Grupo de Pesquisa de Culturas Indígenas e Repertórios Afros Brasileiros e Populares/UFBA (2017), tendo como responsável a professora Amélia Conrado. Acesso em 15 de junho de 2025 <http://lattes.cnpq.br/7460021388845707>

⁴ Trecho da música: “se alguém por mim perguntar, diga que só vou voltar depois que me encontrar”. Disponível em: https://youtu.be/56mu8KSUYqk?si=ngFpKTzS_Kz4SzsH. Acesso em dia 15 de junho de 2025.

pesquisadora começou a tecer sua trajetória.

No decorrer dos estágios supervisionados na graduação, principalmente, o *Estágio supervisionado I com Encenação: Prática de Montagem*, disciplina que estuda o processo específico da estruturação e criação de espetáculos em processos educativos, espaço em que começamos a traçar nossos caminhos como pesquisadoras(es) e encenadoras(es), ainda não havia amadurecido a ideia de que a memória, a ancestralidade e a musicalidade entrariam como principais inspiradores para minha metodologia teórico-prática dentro da sala de ensaio. Durante o processo de construção cênica, utilizei conceitos acerca da cultura popular, o samba de pareia e a escrita de cordel, mas a ancestralidade, naquele momento, ficou apenas como estímulo para que as três atrizes convidadas pudessem escrever seus versos em cordel sobre o ser ancestral escolhido por cada uma.

Antes de começar a falar sobre as pessoas que escolhi para serem minhas mestras e aprender nessa trajetória de mestrado, gostaria de contextualizar essa escolha de público e, especificamente, o porquê Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivência com Doenças Crônicas (NIEFAM), outro espaço que encruzilhou meu caminho. Retorno para 2016 quando fui convidada pela coordenadora do programa, Prof^a Dr^a Luzia Wilma⁵ para dar aulas de Música.

O Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivência com Doenças Crônicas (NIEFAM) está ativo na Universidade Estadual da Bahia, em Jequié, há quase vinte e cinco anos. Dentro do NIEFAM são realizadas diversas atividades, oferecidas para a comunidade da terceira idade com o objetivo de proporcionar uma boa qualidade de vida, por meio da participação em oficinas de dança circular, teatro, fisioterapia, pilates, entre outros. Durante o processo de aproximação das participantes enxerguei uma oportunidade em estudar, escutar e escrever histórias de vida com diferentes pessoas pertencentes a uma diversidade de segmentos étnico-raciais.

Desde muito nova fui uma pessoa curiosa por histórias, e histórias contadas por pessoas

⁵ Graduada em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1994), mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1998), doutorado em Enfermagem - Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007) e doutorado em Estágio de Doutorado pela Escola Superior de Enfermagem Cidade do Porto (2006) com período de estudos em Londres, Inglaterra. Pós-doutorado em Enfermagem - bolsa de estudos PDJ CNPq pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Professora Pleno, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, líder de grupo de pesquisa - Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Sociedade; Linhas de pesquisa: Família em seu Ciclo Vital e Interdisciplinar saberes ao processo de cuidar humano. Experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem de Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: Família; Relações familiares; Dinâmica familiar; Resiliência; Abordagem Sistêmica; Condição crônica não transmissível; Envelhecimento humano; Pesquisa-ação, pesquisa qualitativa e método misto. Docente do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, nível mestrado acadêmico/UESB. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2322574487494636>. Acesso em 15 de junho de 2025.

mais velhas: minha vó, meu vô, minhas tias-avós e por aí vai. Recentemente, me identifiquei com uma frase muito simbólica que significa o que sou: “pé de véia”. Quando ouvi, rememorei todos os causos contados, especialmente, pela minha tia vó Dé ou Zu, que virou uma passarinha em 2022. Ela, com toda paciência (para não dizer ao contrário) e eu, como pé de véia, adorava ficar grudada para ouvir os causos de sua vida e eram tantos que nunca me cansava de rir e escutar. Minha mãe costuma dizer que eu tenho “sangue doce” para pessoas mais velhas desde novinha, quando carregava as sacolas das senhorinhas do mercado, ajudava a atravessar a rua, sempre nas idas para Brumado, eu ia até a casa da vizinha, Dona Biloura e dava comida para suas galinhas por balas e causos.

Então estar no NIEFAM, recém-chegada na UESB, foi um presente para início de um novo ciclo. E retornar agora como uma pesquisadora e ser uma pé de véia das senhoras do NIEFAM é como ganhar na loteria duas vezes, pois os reencontros e causos que traçamos lá em 2016 ainda são lembrados por algumas participantes. Muitas senhoras ainda continuam hoje, em 2025, nas minhas oficinas de teatro, compartilhando suas ancestralidades e memórias; outras são passarinhas que avoam por lá através das memórias de suas amigas, que permanecem sendo raízes em minha trajetória como uma grande pé de véia.

Venho almejando nesta pesquisa, a me deliciar com as escritas de cordéis a partir da perspectiva do reviver das memórias, tendo como principais disparos metodológicos o teatro, a musicalidade e ancestralidade durante as oficinas realizadas no NIEFAM, onde tive como participantes pessoas com faixa etária a partir dos sessenta anos. As senhoras que frequentam o NIEFAM são moradoras da comunidade de Jequié-BA, de distintos bairros, como o Pau Ferro (onde fica localizado o ODEERE⁶), o Mandacaru e o Joaquim Romão. Foi disponibilizado um ônibus da instituição para buscá-las durante os dias de atividades.

Portanto, meu acesso metodológico a essas senhoras se deu por oficinas de teatro, onde trabalhei musicalidades que despertassem memórias em minhas interlocutoras. Músicas e dinâmicas foram escolhidas como disparadores dessas memórias, que foram ouvidas e depois gravadas e transcritas. Essas memórias, por fim, são também expressas em cordéis escritos ao longo desta dissertação.

Cada oficina realizada trouxe uma dinâmica corporal através dos jogos teatrais de

⁶ O ODEERE é o Órgão de Educação e Relações Étnicas da UESB que envolve pesquisadoras(es), de diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo ações de ensino, pesquisa e extensão sobre as relações étnicas, de gênero e sexualidades. Na execução das atividades do ODEERE, a relação com a comunidade tem sido uma marca desde a sua fundação. Nesse ponto, o ODEERE oferece cursos de Extensão tais como: Educação e Cultura Afro-Brasileira; Gênero, Raça e Diversidade sexual; Educação Quilombola e Metodologia da Pesquisa em Relações Étnicas. Disponível em: <http://www2.uesb.br/odeere/>. Acesso dia 15 de junho de 2025.

Spolin(2008/2010), de maneira adaptada, devido às necessidades específicas de cada participante. Logo após o jogo, que estava sempre ligado às memórias e ancestralidade, nós começamos a compartilhar nossas histórias. Por ter como intuito a construção dos cordéis a partir das memórias, vivências e histórias de vida compartilhadas pelas participantes no decorrer das oficinas e, considerando a identidade de cada uma, este estudo não terá apenas o viés do resultado final dos folhetos em cordel, mas com este trabalho será uma maneira de mostrar que suas histórias são de grande relevância dentro da comunidade.

Essa escrita é entrecruzilhada com a teoria e a licença poética, pois ambas são duas comadres que não conseguem se separar. A escrita é linear por enquanto, e por isso está nesta ordem: em cinco matutações: no *Matutando I* descrevo grande maioria das encruzilhadas, desde o começo da graduação, sobre descobrir-se negra, meu apelido de pé de véia, até onde estou caminhando neste momento. No *Matutando II* apresento reflexões sobre o que penso sobre a ancestralidade, encruzilhada, o teatro, o cordel e a relevância desses conceitos em minhas caminhadas.

No *Matutando III* falo sobre os motivos que me levaram à escolha das protagonistas da pesquisa, reflexões acerca da identidade, ancestralidade e suas memórias. Nesse capítulo também mostro a importância que os ensinamentos não formais, mas sim ancestrais me fazem aprender e ter mais consciência do meu corpo nesse espaço espiralar: passado, futuro e presente. O *Matutando IV* abre o compartilhamento de todos os casos e memórias ancestrais contados por elas em cada oficina. Assim nesse capítulo explico as metodologias utilizadas no dia e transcrevo os áudios de cada uma e, logo abaixo, escrevo algumas estrofes em cordel. Realço que esse capítulo (assim como esta pesquisa) é inteiramente dedicado às senhoras que tanto me ensinaram. O *Matutando V* é a gira nunca deixa de girar acerca de tudo que foi vivido, refletido, trazido como relevante, o que deu certo e o que pode ser melhorado até o devido momento como mestranda, pois o tempo é espiral e um ciclo se finda para que os novos caminhos sejam abertos.

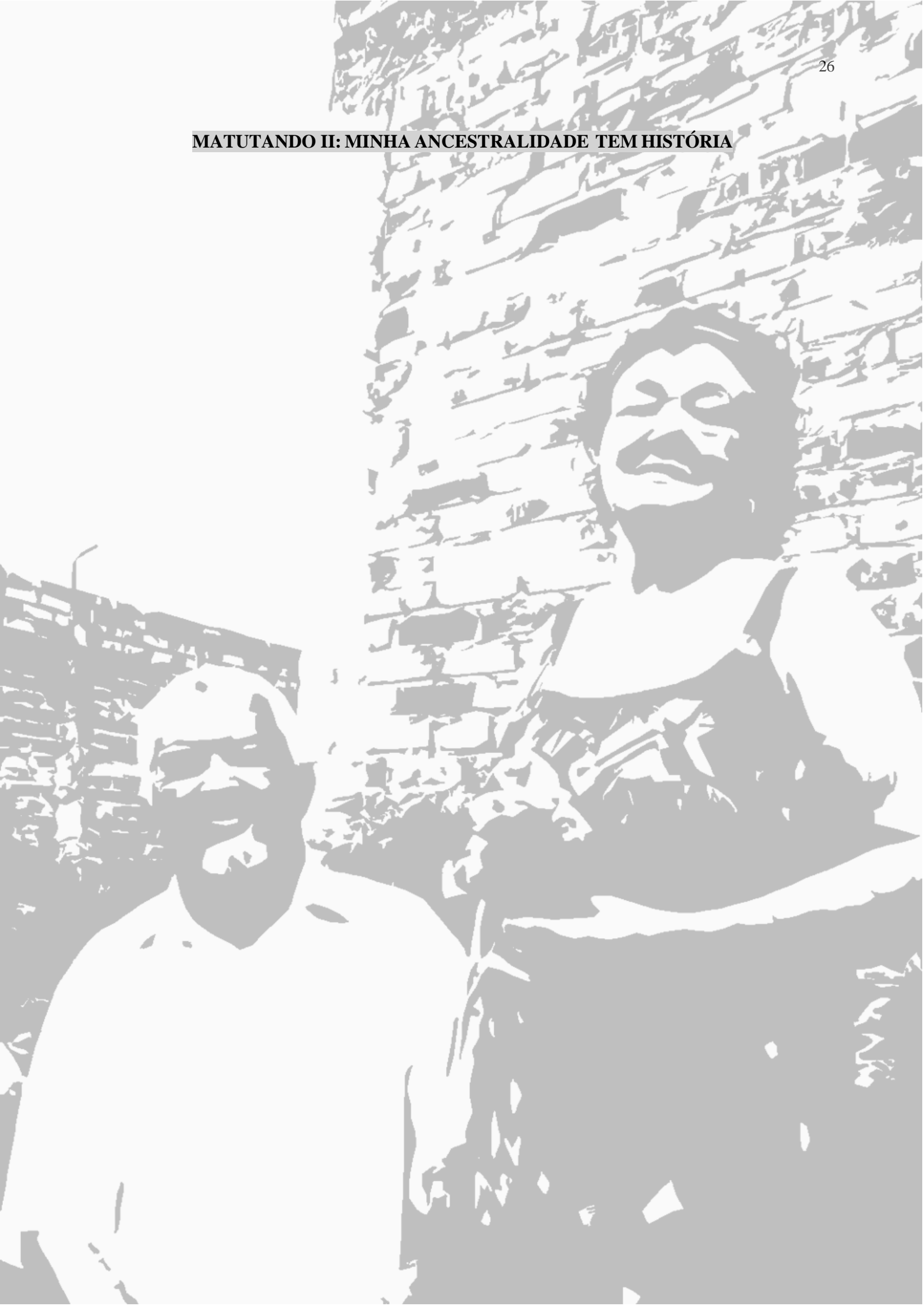
Portanto, ressalto aqui a alegria que tive ao poder observar cada pessoa participante desse Núcleo, que lhes tira o estereótipo de que as pessoas mais velhas devem ficar apenas em casa, esperando o seu ciclo se findar, que não podem mais sair, praticar exercícios, fazer teatro, dançar, VIVER! A potência que o NIEFAM lhes proporciona no sentido de que envelhecer é sinônimo sim de viver com mais leveza e saúde, é o que pretendi sempre reafirmar para cada uma das participantes durante as oficinas de teatro.

Figura 3 - Processo de observação comoficina de Dança Circular, ministrada por Mônica Alves



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

MATUTANDO II: MINHA ANCESTRALIDADE TEM HISTÓRIA



2.1 MINHA ANCESTRALIDADE TEM HISTÓRIA

*Vou falar um pouco
Sobre minhas encruzilhadas
Na qual fiquei encantada
Com os causos contados
Risada para todos os lados
Que merece ser compartilhada
(Ferreira, M C P, Teneba
Raiz, 2021)*

Falar sobre ancestralidade é estar conectada a todos os tempos em que estamos vivendo, aos que já foram vividos e àqueles que ainda viveremos. É estar na encruzilhada entre o futuro, o presente e o passado, é estar nas espirais do tempo ancestral que se manifesta como força de permanência e presença da ancestralidade, como nos ensina Leda Maria Martins, autora cujos conceitos e trabalho são fonte de inspiração a essa pesquisa:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contínuos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia e instâncias compostas de presente, passado e futuro [...] (Martins, 2021a, p. 63).

Para me entender como um ser conectado a uma linha contínua de gerações, pertencente aos que vieram antes de mim, aos que estão comigo e aquelas(es) que virão depois, passei por vários processos e não apenas os artísticos. Lembro-me, de quando nova, sentia muitos arrepios e uma sensação boa quando viajava para Brumado e de como me sentia bem de estar perto de gente. Gente que conversava, que tinha afeto, que ficava nas portas de casa tendo um dedin de prosa com a(o) vizinha(o), que sentava para tomar um café e ouvir o rádio; de ver os costumes dos meus avós acordando bem cedinho para mais um dia de labuta; das brincadeiras com minhas primas; das idas até a casa de minha bisavó Sadu⁷, onde tínhamos um pé de manga como um lugar de compartilhamentos de segredos e peripécias, e muitas outras memórias que potencializaram ainda mais a ancestralidade em minha vida pessoal e como pesquisadora. Como

⁷ Minha bisavó passarinhou em 2013 deixando seu grande legado ancestral e uma saudade bonita. Ao longo dessa dissertação afetiva, refiro-me a ela por Bisavó Sadu.

comenta Edeise Gomes (2016, p. 98) em um artigo publicado no livro *“No jeito que o corpo dá”*: memórias, transmissões e aprendizados na história de Dona Nadir. In: *Corpo negro* (2016) que “Celebrar a ancestralidade não está diretamente relacionado a questões religiosas, mas sim ao entendimento de identidade coletiva da comunidade.” Entender minha ancestralidade também esteve entrelaçada ao meu processo de identidade. Identidade e ancestralidade andam sempre lado a lado, como duas comadres com os seus jeitos e formas de se reinventarem a cada experiência vivida em meio às suas encruzilhadas. Cada uma tem seu processo de construção, aceitação e, também, de negação. Quantas vezes neguei ser quem sou? Quantas vezes neguei minha cor, meus cabelos? Quantas vezes eu neguei a minha sexualidade, por acreditar que era aberração? Muitas, muitas vezes. A construção da minha identidade foi um ciclo difícil, acreditava que só seria alguém dentro do meio social se fosse o reflexo de pessoas padronizadas.

Nas minhas experiências enquanto lecionava em uma escola do ensino médio em 2019, onde compartilhava e aprendia com jovens que estavam em uma constante busca para a construção de identidade, recordo de como foram importantes os estudos e o conhecimento de mim mesma (apesar de estarmos em uma constante mudança) para apoiar cada uma/um de meus/minhas alunas(os) e suas escolhas. Lembro-me de fazer um jogo onde cada pessoa falava algo bom de si e coisas que gostavam de usar e um dos jovens respondeu “Não há nada de bom em mim, e o que eu gostava de usar, eu deixei pra lá, pois não me traz boas memórias (...)”. Após a aula fui até esse discente⁸ para questionar sua resposta, pois não queria expô-lo em meio aos(as) outros(as) colegas e essa foi sua fala:

Pró, uma vez usei uma daquelas bandanas no cabelo, pois achava bem da hora, sabe? Meu pai quando viu pegou a tesoura e cortou[...] Depois falou que aquilo era coisa errada, ele é da igreja, aí disse que Deus não gosta que homem usa essas coisas. Eu nunca mais tive coragem de colocar mais nada em minha cabeça.

Fiquei angustiada com alguns relatos, pois a ignorância no meio familiar lhes causava muitos atritos e não só de identidade, mas também uma grande possibilidade de prejudicar sua saúde mental. Como forma de acolher e desatar alguns nós na cabeça de cada uma/um, fugi um pouco da minha metodologia ancestral, de memórias e cordelista e utilizei algumas práticas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal como forma de desabafo para incentivar os estudantes a relatarem mais casos de opressão em qualquer âmbito pois:

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras (Boal, 2005, p. 19).

⁸ Por respeito ao aluno, manterei o sigilo e seu nome.

Acredito que assim é o trabalho da(o) docente, quando utiliza novas metodologias para o bem-estar e reflexão crítica de sua turma.

No meu caminhar identitário e ancestral existem ambas coisas. Desde muito nova, como já foi citado em “caminhos das encruzilhadas”, gostava muito de ir ao interior e experienciar muitas memórias de minha bisavó com seu jeitinho lento de contar seus causos, as brincadeiras com minhas primas de pé no chão e só de calcinha pelo quintal. Presenciar a rotina de meus avós, sentir e ver o fazer da comida de minha vó entre muitas outras lembranças. Essa é uma parte da ancestralidade que carrego nas encruzadas da minha trajetória, porém nem todos os aspectos desses que vieram antes de mim fizeram formar a pessoa que sou hoje. Venho de família tradicional e sou uma mulher lésbica; uma família que não gosta de tatuagens e eu sou uma mulher cheia delas; uma família machista e eu uma feminista negra; entre tantas outras camadas.

Eu me fiz e me refaço todos os dias, como já diz Leda, “memória também está no que se esquece” em uma de suas falas no curso NZILAS D’INGOMA: OS REINADOS NEGROS. Carrego sim toda a força (a não romantizada) da minha vó, os seus causos que antes ela acreditava não valer nada; trago minha mãe e minha tia que já vieram com pensamentos distintos da “tradicionalidade” familiar; carrego as lembranças de minha bisavó que virou uma passarinha em 2013, deixando seu legado e mostrando tudo do que era capaz.

A ancestralidade desempenha um papel muito relevante para nossa formação identitária. Influenciando em muitos aspectos culturais, históricos, genéticos, psicológicos e sociais. Essa interação entre esses elementos pode variar, mas juntas, constituem uma base para construção da identidade. A ancestralidade é, portanto, vital na compreensão de si mesmo(a) e do mundo, conectando indivíduos a uma rede de histórias, culturas, crenças, que moldam a identidade a cada experiência humana.

Como foi citado no Matutando I e colocada a imagem da minha identidade com 13 anos antes de reconhecer-me enquanto uma mulher negra, em numa tentativa de me encaixar nos padrões sociais, como comenta nossa grande mestra Lélia Gonzalez (2020, p. 234): “não nascemos negros, nos tornamos negros [...] é uma questão de conquista da própria identidade, de retorno [...]”. E quando retorno há alguns anos, descubro-me negra aos 16 anos, ou seja, tem apenas 11 anos que sinto orgulho da minha pele, dos meus cabelos, do meu fenótipo. Ano passado refiz minha identidade, agora sim, na minha verdadeira identidade. No entanto, passei por dois momentos de racismo ao tirar a foto, pois na edição da imagem me embranqueceram, afinaram meus traços e diminuíram meus cabelos. Por pressa, não tive tempo de intervir e estava frustrada, nervosa. Porém, no próprio Serviço de Atendimento ao Cidadão-SAC, pude refazer

e ver a minha verdadeira face.

Figura 4 - Minha verdadeira identidade e a 3x4 que fizeram edições para afinarem meus traços e cor



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

2.2 LEDA MARIA MARTINS: A ESPIRAL QUE NÃO OUSA PARAR

Falar de ancestralidade é falar de encruzilhada, e falar de encruzilhada é falar sobre os caminhos e os encontros que temos no percurso da nossa vida acadêmica ou pessoal.

Quando adentramos na academia, temos contato com vários teóricos e teóricas. No meu caso, que trabalho e estudo a ancestralidade, tive o imenso prazer de entrecruzar com pensamentos de Leda Maria Martins, Edeise Gomes, Vânia Oliveira⁹, e outros mestres(as).

⁹ Mulher Negra; Filha de família negra; Mãe; Avó; Candomblecista; Artivista; Rainha do Bloco Afro Malê Debalê, eleita nos anos 2000 e 2006. Princesa do Bloco Afro Ilê Aiyê, eleita nos anos 2001 e 2014; Licenciada em Dança, Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança e Mestre em Dança pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em História Social e Cultura Afro brasileira pela UNIME; Doutoranda do Programa Multidisciplinar e Multi institucional em Difusão do Conhecimento - DMMC/UFBA-IFBA-UNEB-LNCC-UEFS-SENAI-CIMATEC; Atuou como professora e coordenadora do Curso Preparatório em Dança e Cursos Livres da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia FUNCEB, onde segue atuando, desde o ano 2003, como mediadora de aprendizados no Projeto Curso de Férias, com o curso: Dança(s) de Blocos Afro; Atuou como Professora substituta da Escola de Dança da UFBA, no período de 2007 a 2009; Foi aprovada, no concurso para professora Assistente, na área de Estudos do Corpo com Ênfase em Danças Populares, Indígenas e Afro-Brasileiras, realizado pela Escola de Dança da UFBA em 2016; Atualmente é Professora Assistente em dedicação exclusiva da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB; Coordenadora e Professora do Curso de Licenciatura em Dança da UESB/ Jequié. Onde fundou e coordenou os Subprojetos Dança - instrumento de transformação social e DANTE: Dançando e Teatralizando nas Escolas, que integra o Programa de Iniciação a Docência - PIBID: Microrrede Ensino-Aprendizagem-Formação- ressignificando a formação inicial/ continuada de estudantes de licenciatura e professores da educação básica. Neste mesmo programa foi coordenadora do subprojeto de teatro: Saberes Docentes e Interdisciplinares na EJA: tempos de vida, de arte e de literatura; Mentora e coordenadorado Subprojeto de Iniciação à Docência PIBID. Coordenadora e pesquisadora do Projeto de Pesquisa Dançando Nossas Matrizes - DNM, direcionado para estudantes ativos e egressos das graduações da UESB/Jequié e comunidade externa; Pesquisadora do Núcleo de Processos Educacionais em Dança - NUPED, que integra o GESTAR - Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB/Jequié-Ba; Pesquisadora do ÁGORA: modos de ser em dança e GIRA:

Falar sobre ancestralidade na perspectiva de Leda, de Edeise, e de todos os outros que eu citei, é falar que a ancestralidade não tem fim. É o tempo espiralar que Leda traz em suas reflexões. É a ancestralidade na qual eu sempre repito para você leitor(a), ela jamais será formada apenas por um estado, por um tempo ou por um momento. Ela é o passado, ela é o presente, ela é o futuro. Ela é uma gira, que vai sempre estar girando, girando, girando. Independente do seu tempo. Leda Maria Martins e sua visão sobre ancestralidade remetem a reflexões acerca das cicatrizes e ancestralidades raciais pretas que trazemos em nosso corpo. Então, enquanto mulher negra olho para trás, os nossos antepassados, os que vieram escravizados(as) nos navios e também observo o hoje, onde estamos, e tento visualizar o amanhã por onde nós estaremos. E não poderia nesta dissertação deixar de dedicar um momento para enaltecer essa mestra ancestral, minha principal referência teórica, que nos ensina tantas coisas sobre quem nós somos a partir de seus conceitos poéticos/teóricos:

A concepção espiralada do tempo funda-se no lugar de privilégio do ancestral que preside, como Presença, as espirais do tempo, habitando a temporalidade transiente, o ilimitado passa-do, per si composto de presente, passado e futuro acumulados, o pote Kalunga, núcleo da energia vital em movimento. No Brasil, Kalunga também é identificado como o Mar-Oceano, lugar do sagrado, espelhando a divindade, na qual habita o poder da vida, da morte e das travessias. Nessas interfaces e alianças entre a pessoa (muntu), a coletividade (bantu) e os ancestrais, tudo pulsa como elos indissociáveis e complementares de uma mesma cadeia significativa, clivada de ancestralidade, princípio base, or-denador, motor, estrutura e rede de todo o pensamento. Agência da sophya, a ancestralidade funda a cinese, em todos os seus âmbitos e competências, a filosofia, a concepção e experiência das temporalidades curvilíneas, gerenciando todos os processos de produção das práticas culturais. A ancestralidade define de modo estruturante a cosmopercepção negro-africana, dispersa pelas suas inúmeras e diversas culturas (Martins, 2021a, p.58).

Leda Maria Martins é uma intelectual e pesquisadora do Brasil que sugere uma interpretação de ancestralidade que transcende o aspecto genealógico e biológico (como já citei anteriormente). Em sua perspectiva, na encruzilhada, a ancestralidade está associada à memória, à tradição oral e às práticas culturais que ligam o passado ao agora, particularmente nas comunidades de origem afrodescendente como ela comenta em seu livro *Performance no tempo espiralar*

A ancestralidade é o princípio base e o fundamento maior que estrutura toda a circulação de energia vital. Os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares,

Grupo de Pesquisa em Danças Indígenas, Afro-Brasileiras, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia UFBA; É pesquisadora associada da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança ANDA; Fundou o Dançando Nossas Matrizes - DNM, coletivo composto por artistas, professorxs e pesquisadorxs das diversas formas de expressões de Danças Negras Afro-baianas, atuantes em Salvador - Ba; Eterna aprendiz e pesquisadora, em constante transformação, interessada a compreender o corpo e os atravessamentos que são provocados pelas Danças Negras Afroreferenciadas; Rainha Vânia Oliveira. Acesso em 10 de julho <http://lattes.cnpq.br/9894973348993775>

reterritorializam a ancestralidade e a força vital como princípios motores e agentes que imantam a cultura brasileira e, em particular, as práticas artístico-culturais afro. Quer nos saberes medicinais curativos, na fabricação de tecidos e utensílios, nas formas arquitetônicas, nas texturas narrativas e poéticas, nas danças, na música, na escultura e na arte das máscaras, nos jogos corporais, nas danças do Maracatu, do Jongo, do Samba, na Capoeira, nos sistemas religiosos, nos modelos de organização social, nos modos de relacionamento entre os sujeitos e entre os humanos e o cosmos e, em particular, na concepção do tempo espiralar (Martins, 2021a, p. 62).

Martins argumenta que o papel da ancestralidade é fundamental na construção da identidade e na resistência das comunidades negras. A sua reflexão é influenciada pelas tradições africanas e afro-brasileiras, que consideram os ancestrais como entidades vivas, expressas na cultura, na arte, nos rituais e nas narrativas. Nesse cenário, a ancestralidade transcende a simples recordação, atuando como um meio de disseminação de conhecimento, ética e espiritualismo.

Ao explorar a visão de Leda acerca da encruzilhada, ela não é meramente um ponto de cruzamento físico, mas um espaço-tempo simbólico, onde os fluxos de conhecimento, memória e ancestralidade se cruzam e se reinterpretam. De acordo com a definição das epistemologias afro-diaspóricas, a encruzilhada funciona como um local de movimento e reinvenção, um local onde passado, presente e futuro se entrelaçam, criando novos modos de existência e resistência. No pensamento de Martins, fortemente ancorado na oralitura e nas poéticas da diáspora africana, a encruzilhada é também um dispositivo estético e político. Ela estrutura as performances da memória, os gestos que ecoam histórias ancestrais e, ao mesmo tempo, impulsionam criações inéditas. Assim, como na cosmovisão nagô, a qual Exu é o senhor dos caminhos e da comunicação, a encruzilhada é esse espaço dinâmico a qual a linguagem se refaz e os sentidos se multiplicam.

Nos terreiros, nas ruas, nos corpos que dançam e narram, a encruzilhada se manifesta como um princípio organizador da existência, desafiando lógicas lineares e coloniais. É ali que a diáspora se reinscreve, onde a tradição e a invenção dialogam sem hierarquia rígida, reafirmando a potência do devir. É pela encruzilhada que transitam os signos, os ritmos e os gestos que sustentam a poética e a política das culturas afro-brasileiras, sempre em movimento, sempre em transformação.

Outro conceito que sou apaixonada e utilizo em quase todas as minhas encruzilhadas é o termo Oralitura. Em suas obras, como *Performances do Tempo Espiralar: Poéticas do Corpo-tela* (2021), *Afrografias da Memória* (2021) e outros ensaios, Leda Martins investiga como a oralitura vai além de um simples canal de comunicação, constituindo narrativas, que vão além do tempo linear e incorporam aspectos místicos e espirituais. Ela defende que a oralitura é um

meio de resistência e reviver, compartilhando conhecimentos históricos, culturais e filosóficos dos afrodescendentes. Esse princípio questiona a distinção entre oralidade e escrita, evidenciando que ambas coexistem e se afetam reciprocamente, particularmente nas performances e tradições orais africanas e afro-brasileiras, tais como ritos, poesia e cantos. Leda com toda sua essência poética e forma de conceituar nos mostra quão relevante é utilizá-lo nos caminhos que traçamos. A oralitura se refere à combinação entre a oralidade e a escrita, enfatizando a importância das maneiras tradicionais de comunicação e expressão das culturas populares, particularmente as africanas e indígenas no Brasil. Esse conceito espelha a sua intenção de recuperar e entender a riqueza da oralidade como uma forma legítima de gerar cultura e conhecimento, frequentemente negligenciada pela tradição literária do ocidente, que valoriza muito mais a escrita. Para Leda:

No âmbito da oralitura gravitam não apenas os rituais, mas uma variedade imensa de formulações e convenções que instalam, fixam, revisam e se disseminam por inúmeros meios de cognição da natureza performática, grafando pelo corpo imantado por sonoridades, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores, valores de várias ordens e magnitudes, o logos e as gnosés afroinspirados, assim como diversas possibilidades de rasurados protocolos e sistemas de fixação excludentes e discricionários (Martins, p. 41-42, 2021a).

Tais formulações e possibilidades me fazem lembrar as minhas mais velhas e as oficinas de teatro e musicalidade que aconteceram durante esta pesquisa. A confiança de contar, gesticular suas memórias, sua ancestralidade era algo que me encantava, pois ali não havia cobrança alguma de um diploma acadêmico, saber ler ou escrever. A riqueza que tive de recebê-las, a partir de suas memórias, é que me faz e fez continuar pesquisando a importância dessas vozes com suas histórias estarem espalhadas por toda sociedade, como ela mesma enfatiza:

Nas performances rituais também podemos fruir a elaboração de suas poéticas, configuradas pelos solfejos da voz, pelas balizas do corpo em movimento e pela poética dos seus gestos. Aqui a ancestralidade vibra e restitui, performando os repertórios de nossas africanias, tanto das mais longevas quanto das mais recentes que com elas improvisam e nelas se fermentam (Martins, p. 68, 2021a).

A oralitura, ao invés de considerar a escrita como superior, sugere uma interação dinâmica entre a oralidade e a grafia, entendendo que essas modalidades possuem funções complementares. Leda propõe que, ao combinar práticas orais e escritas, podemos expandir nosso entendimento da cultura e do saber, sem estabelecer uma hierarquia entre elas. Ela destaca, ao trabalhar com a oralidade, que a cultura escrita, ao longo da história, tem sido um dos mecanismos de exclusão das classes populares e das comunidades que, historicamente, não

têm acesso à educação formal. Nesse contexto, a oralitura surge como um meio de democratização do conhecimento, acessível a todos, independentemente do nível de conhecimento em leitura e escrita. A cultura oral é uma das imensas riquezas que venho aprendendo desde quando era uma criança e já pé de véia, onde parava para ouvir minha bisavó, minha vó por meio de seus causos e tantas outras histórias, lendas da roça, coisas que quase em nenhum lugar acadêmico poderíamos encontrar com tanta propriedade, abundância de detalhes e brilho nos olhos de quem conta e, principalmente, de que as ouve.

Portanto, compreender os valores da oralitura ultrapassa a preservação da cultura popular ou das tradições ancestrais, representa uma prática de resistência, um momento de afirmação de identidade e um vínculo crucial nas comunidades, particularmente naquelas que não possuem acesso preferencial ao mundo da academia.

2.3 ENCRUZILHANDOCOM LEDA MARIA MARTINS: NZILAS D'INGOMA: OS REINADOS NEGROS

A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas.
(Martins, p. 32, 2021b).

Em cada trajetória que escolhi mergulhar de diversas formas, sejam elas acadêmicas ou não, tive o privilégio de encruzilhar com pessoas que viraram referências de vida. Quando iniciei meus estudos sobre ancestralidade e encruzilhada foi a partir da mestra Edeise Gomes que com muita poética e potência que diz que – “Celebrar a ancestralidade é experimentar a presença do antepassado constituindo a si mesmo, em todos os tempos em que estamos” – (2016, p. 98) citado no livro de Alexandra Dumas “O corpo negro: Nadir da Mussuca, cenas e cenários de uma mulher quilombola” (2016) me fez perceber que também podia encontrar em mim mesma e acreditar que sou capaz de almejar voos muito altos. Sou muito grata. Edeise foi a porta de entrada para toda essa imersão sobre encruzilhada, ancestralidade e a não linearidade. E eu me questionava o que seria esses termos e seus significados. Daí que vem a primeira leitura que fiz da minha grande mestra e referência em “Afrografias da Memória”, algo que Edeise já seguia. E quando você faz a imersão nas leituras da Leda e vê em prática durante as aulas da professora citada, tudo começa a fazer mais sentido ainda para pesquisa e para si própria.

Em 2024 tive a oportunidade de realizar um curso livre, presencial, com Leda Maria

Martins, no Rio de Janeiro intitulado: *NZILAS¹⁰ D'INGOMA: OS REINADOS NEGROS*. Esse curso foi realizado pela Fundação Getúlio Vargas,¹¹ uma instituição conceituada que oferta diversos cursos e outros tipos de atividades há aproximadamente 80 anos.

O curso ofertado (para mim presenteado) por Leda trouxe várias encruzilhadas já passadas por ela, as explicações e reflexões acerca dos legados africanos presentes em nossa ancestralidade, a sua experiência como Rainha do Reinado do Rosário e muitos vídeos desde a coroação de sua mãe que ancestralizou, até a coroação dela logo após. Muitas das suas experiências foram uma amplitude de conhecimentos sobre tudo aquilo que já havia lido, relido e lido novamente. De forma nada linear. Um de trás para frente, do meio para o início e fim, e durante a pesquisa utilizei ainda mais dessa metodologia para compreender suas palavras e conceitos. O conceito de *remorrer* que é citado em seu livro *Performance do Tempo Espiral* foi o que me tocou profundamente durante essa experiência. Não irei contar na íntegra o que realmente a levou a chegar nesse conceito, mas sua explicação e sua escuridão ao falar que sempre quando alguém morre de forma não natural ou por alguma doença é necessário *remorrer* para encontrar com seus ancestrais no outro plano. O ritual ocorre de forma sigilosa e apenas com algumas pessoas que fazem parte do Reinado e, logo após, acontece o cortejo para que aquele corpo que já não habita o espírito possa ser enterrado, como Leda explica nesta citação:

Para poder ser lembrado, reclamado e celebrado, é necessário, então, *remorrer*. O prefixo *re* nos remete à necessidade de uma volta, de um fazer-se de novo, de uma retrospectiva, de uma retroação, mas também nos aponta para repetição a vir, produzir-se à frente, como uma memória futura. No prefixo *re*, de *remorrer*, anela-se o retornar, tornar-se e volver no passado, assim como reatar, reinstaurar, reativar o porvir. Ser lembrado é participar, estar como presença presente nos interlúdios, transcurtos e interlúneas da vida (Martins, 2021a, p. 205).

Foram dois dias de muita troca de conhecimentos e partilha de coisas íntimas que, a partir disso, transformaram-se em conceitos. Leda é poesia e leveza em sua maneira de compartilhar tanto conhecimento que traz consigo desde muitos anos.

¹⁰ É *nzila*, caminho, repertório de pensamentos que grafam esse corpo/*corpus*, estilística ontologicamente, como *locus* e ambiente de saber, de memória e de história. Essas ideias e concepções são também grafadas em uma das mais importantes inscrições africanas nas religiões afro-brasileiras, os cosmogramas, pontos riscados, cartografias dessas ontologias, signos do cosmos e de suas derivações (Martins, 2021a, p. 208-209).

¹¹ A Fundação Getúlio Vargas é reconhecida por gerar conhecimento e o desenvolvimento econômico e social por meio de educação, pesquisa, consultoria e análise de índices econômicos, se posicionando como uma instituição inovadora, tanto para sua própria comunidade, como para a sociedade em geral. A confiabilidade dos critérios e das ações da FGV foi construída ao longo de gerações. Isso só foi possível graças ao empenho de líderes políticos e empresariais, executivos, pesquisadores e estudantes que renovam continuamente a confiança na reputação e nos princípios da instituição. A Fundação Getúlio Vargas, com profundo conhecimento de mercado, alta competência acadêmica e experiência internacional, criou uma oferta diversificada que atende às necessidades do setor público e privado. Disponível em: <https://portal.fgv.br/sobre-fgv>. Acesso em 15 de junho de 2025

Entre conceitos não lineares, ela nos imergia entre várias canções do Reinado do Rosário, no Jatobá, tais como:

Ô Senhora do Rosário
 Tu és uma mãe tão boa
 Tu és tão cheia de amor
 Ô Senhora do Rosário
 Alembra de nós, alembra
 Alembra de nós, alembra
 Ô Senhora do Rosário.
 (Martins, 2021b, p.53)

Foram muitas reflexões em dois dias, que transformaram o meu pensamento e ampliaram muito mais o entendimento agora em presença, no tempo presente, na força ancestral que ela nos transmite a cada fala. Quando compartilhava sobre ancestralidade e encruzilhada era uma sensação de estar vendo o livro em corpo e espírito, me fazia recordar muitas passagens e reflexões em seus livros, como quando comenta no *Afrografias da Memórias* (2021b) sobre encruzilhada e ancestralidade:

O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação dos trânsitos sistêmicos e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. A encruzilhada, *locus* tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e discursos, a encruzilhada, como lugar terceiro, é geratriz de produção diversificada e, portanto, de sentidos (Martins, 2021 b, p. 34).

Mensurar tudo que me foi tocado durante os dias de curso com Leda seria muito linear, então peço licença poética para descrever de forma *errante* esses dias tão potentes que tive o prazer de fazer parte. Porém antes, gostaria de explicar um pouco sobre o que é a escrita errante para você que está lendo este trabalho.

Eu conheci a escrita errante a partir das aulas práticas e teóricas na Universidade Estadual do Estado da Bahia, ainda na graduação e também na pós-graduação com a professora doutora Ana Carolina Fialho de Abreu, que também está com minha coorientadora. A escrita errante é uma maneira de escrita ininterrupta em um espaço curto de tempo, realizada após alguma prática ou alguma leitura coletiva. Nós colocamos nossos sentimentos sem seguir alguma norma ou formalidade para escrever. Tudo que estiver em nossa mente, seja na escrita, seja na oralitura ou performance. A palavra *escrita*, pelo menos para mim neste parágrafo, está

presente porque será feita dessa maneira, mas sem seguir uma linearidade. O que também entrecruza com a grande mestra Leda Maria Martins. Como disse, não há uma regra para realizar a errância¹², para mim é uma das formas que mais me sinto eu em uma escrita ou outras vertentes relacionadas a ela. E por isso, decidi escrever de forma errante, de forma não linear, porque não tem nada mais que combine com a Leda da Maria Martins.

Rio de Janeiro, perto do meu aniversário, presente que ganhei: conhecer minha grande referência, Leda da Maria Martins, mulher, preta, rainha, rosário, reinado, não linearidade, ancestralidade, encruzilhada, sentimento forte, estar frente a frente de quem tanto me inspira a caminhar, a pensar, a refletir sobre tantas coisas. Agosto, o meu mês, mês de Omolu, o que me faz lembrar do ODEERE. Que tanto me ensina sobre as religiões, sobre as etnias, sobre ser humana. E digo ODEERE é sobre minhas colegas de turma, amigas de turma, turma Lélia Gonzalez, que eu vou levar sempre comigo. E lá eu estava com elas, a turma de 2023.1. Um sentimento de orgulho, orgulho da pesquisa, orgulho de estar fazendo parte de algo tão potente, que é revisitar as memórias, ser sendo uma pé de véia com as senhoras do NIEFAM. Eu acho que não ensinei nada, mesmo sendo chamada de pró, porque a sociedade nos vê como pessoas que ensinam, e apenas isso, esquece que a gente aprende muito mais dentro da sala de aula, sala de ensaio, dentro de um curso, curso de Leda Maria Martins, nizila gnomas, reinados negros, apenas pessoas negras de lugares diversos do Brasil, para conhecer e ter experiência tão profunda, ter uma imersão gigantesca sobre a vida, sobre a ancestralidade, sobre a memória, sobre o ser, nada linear. Sou muito grata por essa reverberação, por essas reflexões. Creio que não só eu, mas todas as pessoas que estiveram lá de forma física e também os encantados, os nossos ancestres, que nunca nos abandonam. “Ô leva eu, minha saudade (eu também quero ir), minha saudade. Ô leva eu, minha saudade”. Musicalidade, senhoras encantadeiras, vó (minha saudade), memórias boas que nós construímos em vida, mas que não se acaba quando ancestralizamos. Grata estou, grata sou. Axé!

¹² Para a pesquisadora e arquiteta Paola Berenstein Jacques (2012) : A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, uma alteridade radical. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências.

Figura 5 - dedicatórias nos meus livros por Leda Maria Martins



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

**MATUTANDO III: ESCRITA DE UMA PÉ DE VÉIA: O NIEFAM COMO
SEMENTES PARA O FUTURO, PASSADO E PRESENTE**



3.1 ESCUTA DE UMA PÉ DE VÉIA: O NIEFAM COMO SEMENTES PARA O PRESENTE, FUTURO E PASSADO

Durante uma vivência promovida pelo Espaço Cultural SESC Glória, em Vitória-ES, em uma das rodas de conversa, que estava sendo conduzida pelos indígenas, das etnias Tupinikim e Guarani o palestrante Jocelino Tupinikim ka'arondara disse que seu avô o chamava de pé de véi porque vivia em volta dele a ouvir suas histórias e ensinamentos. O que fez com que ele se sentisse mais próximo do avô mesmo depois que ele passarinhou, fisicamente. E aí ele explicou o que é o pé de véi de uma forma muito afetuosa, que me acalentou e me fez, também, me identificar como uma pé de véia como me descrevo, ouço, reverbero em arte no decorrer da escrita. Ele dizia durante a roda de conversa que ser pé de véi era quem corria atrás das pessoas mais velhas, que gruda nas pessoas mais velhas para poder ouvir histórias.

A partir dessa fala e de outras reflexões muito relevantes, pedi para falar que tinha me identificado com esse caso, porque também sou uma pé de véio, ou melhor, uma pé de véia. Com isso, me fez expandir e refletir que realmente desde muito cedo eu sou uma pé de véia, ouvindo casos, dançando na espiral ancestral que os caminhos me levam. Porque, antes do processo de qualificação, acreditava que as senhoras eram pés de véias, porém uma pequena frase pode nos fazer analisar e mudar completamente a perspectiva. Eu, Mari Caroline, sou a pé de véia. Tanto que gostaria de compartilhar um texto afetivo que possa fazer você leitor ou leitora entender melhor o porquê sou e quero continuar sendo uma pé de véia.

Na casa de minha Bisavó Sadu tem um pé de seriguela. Esse pé é ancestral. Desde suas raízes que são profundas, o seu caule que é forte, as suas folhas que são verdes, os seus galhos, os seus frutos, as suas sementes, que viram comida para pássaros e mais pássaros, que gostam de visitar e cantarolar por lá. Às vezes, eu acredito que alguns pássaros adoram cantar no pé de seriguela, seja minha bisavó... porque ela sempre está presente naquela casa mesmo estando em outro plano.

Esse pé de seriguela é ancestral. Nele passou o meu avô, filho de minha bisavó, passaram os meus tios, irmãos do meu avô, passaram a minha mãe, a minha tia, os meus outros tios, filhos da minha avó e do meu avô, que também crianças subiam nesse pé para pegar as melhores seriguelas que sempre ficavam no topo da árvore.

Também tive o privilégio de conhecer a minha bisavó ainda em vida, ainda em terra, ainda fisicamente. E também passei pelo pé de seriguela, eu e minhas primas. A gente subia, brincava, pendurava nos galhos e subia até o topo para poder pegar as melhores seriguelas, as mais suculentas. Minha bisavó sabia que minha tia, eu e minhas primas adorávamos comer seriguela com sal. Então, ela ia bem mansinha, calma, com um paninho na cabeça e seus cabelos todos brancos e deixava um potinho de sal perto da comida dos passarinhos. E quando íamos

brincar na casa dela e subíamos nesse pé e estava lá o potinho de sal. Isso era uma das formas dela demonstrar seu amor.

Figura 6 -Vó Sadu e família no pé seriguela afetiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Os pássaros que cantam e que comem de seus frutos são um pouco da minha bisavó, porque é um lugar calmo, afetivo, é um lugar com muita ancestralidade. Em frente desse pé de seriguela tem uma área onde, até hoje, todo mundo senta para contar causos, tomar café e lembrar de minha bisavó Sadu e assim mergulhar nessas memórias. Ai se esse pé de seriguela falasse... Na verdade, ele canta através dos passarinhos. Às vezes eu sinto que bisa Sadu ainda está ali sentadinha e quando fecho meus olhos, volto a todas as lembranças da infância, sinto cheiros, sabores... mas, principalmente, sei de seus legados ancestrais que nossa passarinha nos deixou aqui em terra, muito na direção do que comenta Leda:

Mesmo na morte, na dinâmica das transformações, incide o gesto profético do devir como reminiscência da metamorfose necessária para urgência, emergência e continuidade da vida e do hálito sagrado que em tudo perenemente habita e se manifesta. Da morte nascem os ancestres, cujos rituais de passagem asseguram suas transcendênciae presença. Oancestral é o acúmulo de conhecimento que abrange toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza, da qual faz parte e na qual se nutre (Martins, 2021a, p. 204-205).

Quando essa fala é interligada por mim diretamente durante as oficinas de teatro com os jogos, as memórias despertadas, os causos contados, os choros, os risos, tudo começa a fazer sentido novamente; e porque isso? Quando estamos dialogando com pessoas mais velhas nós não sabemos o que pode vir a partir de uma vivência dentro da sala de aula. Desfrutar das memórias também pode causar dor e muitas lágrimas, o que nos exige, como pesquisadora e, principalmente, como humana, acolher esses momentos. Imersa no contexto de vida a partir das memórias de cada uma das senhoras participantes não prestei atenção apenas em suas memórias, seus gestos, seus causos, mas, sim, a maneira em que cada uma se vê e se coloca dentro da comunidade.

Um dos aspectos que mais me chamou atenção no NIEFAM foi o fato de ser uma turma toda formada por mulheres, a maioria delas com mais de sessenta anos. E foi impossível não notar também a diversidade étnica e a forma que cada senhora se identificava, principalmente por se tratar de uma turma constituída majoritariamente por mulheres negras e muitas delas nunca pararam para questionar como isso influencia nossa vida, as oportunidades de acesso e a forma como nos enxergamos. Ouvir e registrar seus causos, suas memórias, é valorizar seus legados ancestrais. Em alguns casos, até reencontrar outros traços das suas identidades que por tanto tempo foram e/ou são negadas. Esses momentos de trocas, de rememorar o passado, pensar em quem veio antes, nas gerações que vieram depois, em todos os desafios que elas enfrentaram e/ou enfrentam fortalece a ideia de que nossas grafias não são meras histórias e trazem consigo diversos ensinamentos impossíveis de acessar em uma academia.

3.2 RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS X NIEFAM

Começo esse subtópico dizendo que as relações étnico-raciais vão existir em qualquer âmbito que estivermos presentes direta ou indiretamente. E como minha pesquisa foi realizada dentro do NIEFAM, não seria diferente encontrar tanta diversidade, cada pessoa com sua identidade e sua forma de se expressar. Por trabalhar com pessoas mais velhas, a grande maioria não teve a oportunidade de ir para escola, pois tinha que trabalhar para ajudar em casa. Na abordagem, não trabalhei diretamente com etnias negras, indígenas, brancas, etc. Observei e descobri a partir de suas histórias, de seus causos, da ancestralidade que cada uma delas carregava e carrega em seus legados ancestrais. Durante as vivências descobri que tinham mulheres indígenas e quilombolas no NIEFAM. Majoritariamente a turma era formada por mulheres negras, porém poucas se identificavam e falavam serem negras. Sempre os comentários apareciam – “eu sou da cor de pó de canela”; “eu sou morena”; “eu sou moreninha igual a pró”; “meu pai era moreno”; “meu avô era moreno e foi escravo nos tempos de antigamente”. Essas frases iam surgindo no decorrer das nossas oralituras e nossas trocas de conhecimento, o que me fez recordar o pensamento de Leda:

Nas encruzilhadas dos saberes que transitam com os povos das diásporas, a memória desse conhecimento foi transportada das Áfricas às Américas pelas práticas corporificadas. Nelas, em seu aparato - falas, cantos, textos orais, linguagens, rítmicas das sonoridades, gestos bailarinos, movimentos coreográficos, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, adornos, luminosidades, inscrições peliculares, espacialidades, cortejos, festejos, compartilhados — e em sua cosmopercepção filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios epistemológicos, textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua, mas transcriada, África, as partituras dos seus saberes, o corpo alterno das identidades recriadas, os retalhos de lembranças, reminiscências e esquecimentos incompletos, a gramática de afetos compartilhados, o corpus, enfim, da memória que cliva e atravessa os tormentos resultantes das travessias pelo Mar-Oceano e por todas as encruzilhadas (Martins, 2021a, p. 208).

O ensino étnico-racial dentro das escolas, dentro de qualquer lugar, é muito importante, porque nos faz ter a consciência de quem somos, nos faz despertar a vontade de nos reconectar, de conhecer os nossos legados que foram deixados para nós e o que faremos com ele no futuro e agora. Porém, sabemos que nem sempre (tampouco no momento presente) foi assim, por isso quando digo sobre a relevância de alguém já estar inserida(o) nesses estudos é um avanço pessoal e para sociedade, porque não tivemos essa oportunidade de nos reconhecer, despertar curiosidades de quem somos e de nossa ancestralidade. Digo isso porque sou uma dessas pessoas que aprendi e continuo aprendendo com muita sabedoria das minhas mais velhas e de livros e estudos que fiz nesse caminhar da vida.

Dentro do NIEFAM, especificamente uma senhora em seus causos que está no terceiro

capítulo que vocês lerão um pouquinho mais a frente diz em um jogo no qual falávamos sobre as primeiras vezes, ela conta que a primeira vez que ela foi para praia e que todo mundo da família dela era “índio” e que ela era “índia também”. E quando ela falou isso, já me despertou a vontade de perguntar, de saber, de adentrar a mais. Mas como não era esse o propósito, deixei terminar sua história para depois refletir na escrita. É muito importante pontuar que minha proposta não era perguntar a etnia de cada uma, de adentrar sobre esse assunto, seja de forma teórica ou prática, mas de ir descobrindo a partir de suas memórias e refletir durante a escrita. A relação entre elas não tinha distinção alguma, era um momento de escuta e descoberta de todas, sobre suas memórias e o que cada uma carregava dentro de si e se sentiu a vontade de partilhar com a gente.

Nesse sentido, os idosos configuram-se como guardiões da memória e tudo que por eles é contado, deveria ser avidamente ouvido e preservado com muito zelo pelos mais jovens. Assim, o ancião é símbolo de autoridade e ocupa um lugar bem definido dentro de sua categoria social: repassar a sabedoria dos antepassados e perpetuar a cultura (Dias, Maria, 2014, p. 01).

Digo isso porque eu aprendi muito mais do que levei ensinamentos. Digo com convicção que eu, Mariana, aprendi dentro do NIEFAM com as histórias, as memórias, os casos e a ancestralidade de todas as senhoras do que levei a cada oficina. A oportunidade que tive, o privilégio de ser uma pé de véia, de continuar sendo até mesmo fora do âmbito acadêmico (pois muitas moravam próximas da minha casa), de ser convidada para café, para festa de São João, ter um dedo de prosa no meio da calçada e descobrir que ali morava alguém tão importante em minha encruzilhada. Por isso e tantos outros motivos que esta escrita é feita por vocês e para vocês.

3.3 CORDEL E A ORALITURA

A literatura de cordel e a oralitura compartilham o mesmo mote: a tradição oral em diálogo com a escrita. São manifestações culturais que ao longo da história transmitem conhecimentos, identidades, valores, sentimentos, memórias e costumes de diversas comunidades.

Mais que uma expressão artística, o cordel se transformou numa importante forma de comunicação a qual as pessoas/artistas cantavam as suas lutas, as glórias e as dores do povo por meio de performances orais, corporais e cantadas em praças, feiras livres, e posteriormente dentro dos teatros.

Como toda manifestação popular, o cordel muitas vezes é estereotipado, tanto que na minha experiência de leitora/espectadora a maioria das vezes em que assistia a uma cena ou

uma leitura com o aspecto cordelístico estavam presentes alguns estereótipos identificados por mim, tais como: a fala arrastada, as(os) personagens com aspecto sofrido ou cômico, além das histórias nordestinas (Lampião, principalmente). Com essa visão encaixotada e leiga sobre o cordel, assim como na ancestralidade, não considerava possível um resultado artístico fora desses padrões.

Em 2016, tive o privilégio de assistir ao espetáculo *Trovinhas Na(f)talinas*, já citado anteriormente, e enxergar a possibilidade de contar a minha e outras histórias a partir da poesia em verso. *Trovinhas* era formado por cinco atrizes: Eliana Pataxó, Maria de Souza, Mônica Alves, Helena Norberto e Nágela Almeida, mulheres que protagonizam suas histórias em formato de cordel. Ali não havia nenhum estereótipo, eram mulheres contando os seus casos, rindo, cantando e quebrando muitos tabus em suas expressões e falas. No final do mesmo ano, fui surpreendida por Maria com um convite para fazer uma substituição no elenco. Fiquei feliz, pois experimentaria o Teatro de Cordel, em outro formato (fora do padrão que conhecia), mesmo que contando a história de outra pessoa.

Apresentei e me encantei por essa linguagem e as suas perspectivas para criação cênica. Foi quando a professora Maria me propôs escrever minhas próprias raízes, me inserindo nos conceitos sobre a formatação dos versos, quais as métricas do cordel, o Teatro de Cordel e, também, o resgate ancestral como estímulo para a escrita. Com essa imersão de memórias, as lembranças da minha infância, consegui escrever meus próprios versos. A partir dessa vivência, descobri-me como fazedora de cordel e comecei a pesquisar sobre esse universo cordelístico e escrever mais sobre histórias de outras pessoas.

Após alguns estudos feitos por mim e os ensinados por Maria não conseguiram me intitular como cordelista, pois sua escrita seguia as seguintes regras: cada estrofe é formada por seis versos e cada verso tem sete sílabas poéticas (a métrica). Os versos 1, 3 e 5 não precisam rimar. Apenas os versos 2, 4 e 6 rimam entre si (esse é o formato de uma sextilha). Chiquinho do Além Mar (2019) exemplifica:

Sem a metrificação
 Não se pode ter **Poesia**
 É ela quem vai ditar
 O andar da **melodia**
 O verso fica bonito
 Com ritmo e com **harmonia**.
 (Mar, 2019, p. 6).

Continuando com minhas pesquisas sobre o cordel percebi que, em meus versos, não havia as sete sílabas poéticas. Comecei a questionar sobre a nomenclatura “cordelista” e que

não poderia me encaixar dentro dela. Permaneci em busca de um conceito para os meus versos, pensando na área teatral, pois poderia ter a licença poética de contar meus causos, minhas rimas e nomeá-las como cordel.

A partir daí surgiu a palavra *fazedora* na qual considerava, de maneira coloquial, a melhor nomenclatura para essa liberdade de escrever o cordel sem utilizar a métrica de forma tradicional. Dessa maneira, carrego essa metodologia para o desenvolvimento prático da escrita dos versos de forma mais livre, dentro da sala sem deixar de ensiná-las os conceitos tradicionais do cordel:

“Oxente, visse”
 Eu falo do meu **agrado**
 Porque nemtonordestino
 Fala desse jeito **arrastado**
 Me diz aí galera
 Vocês se sentiram **representados?**
 (Ferreira, M C P, 2021, p.34)

Já a oralitura, segundo Leda Maria Martins, é do âmbito da performance, visto que a voz e o corpo se unem para expressar saberes e afetações. É uma importante ferramenta de transmissão de costumes, sejam em rituais ou em outras situações de comunicação, rompendo com a formalidade e rigidez da escrita, que muitas vezes segrega e marginaliza quem não tem domínio dessa modalidade da língua.

A oralitura e a literatura de cordel são meios que alguns grupos culturais utilizam para manter seus acervos cognitivos, rememorar suas práticas e memórias. E estão historicamente ligados à cultura popular. Daí o meu interesse na utilização do cordel como forma de eternizar as escutas e transmitir às próximas gerações a memória das ancestras que participaram das oficinas do NIEFAM, nas quais vivenciamos na prática tanto a oralitura conceituada por Martins, quanto as escrevivências¹⁴, por Conceição Evaristo, que em algum momento desta gira irei aprofundar de uma forma mais genuína em presentes ou futuros projetos. Mas claro que não deixaria de dizer o quão potente é a imersão em Conceição enquanto leitora e, em um de seus livros “Poemas da Recordação e outros movimentos” (2017) o poema “Vozes-Mulheres” é exatamente um fio dessa costura de uma linda colcha de retalhos que são nossas pesquisas e vivências e quão elas realmente não estão clivadas em um único tempo:

¹⁴ Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência d a coletividade." <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>.

“A voz de minha filha recolhe em si a
fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.” (Evaristo, Conceição, 2021, p.25)

São perspectivas que se entrecruzam quando se referem às histórias, principalmente de mulheres negras – que coincidentemente são maioria no NIEFAM. O cordel neste trabalho é um repositório de memórias, que com uma linguagem simples como as conversas informais que tínhamos em cada gira da oficina, reconta em versos os causos afetivamente partilhados como comenta Jarid Arraes:

[...] a memória de quem somos é mais complexa do que a mera soma dos seixos que cantamos no leito daquele rio. Ela também é formada pelas lembranças dos acontecimentos que acompanharam nosso grupo social, o fundamento comum de nossa diversidade interna. No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram; na maioria, homens brancos (Arraes, 2020, p. 09).

Portanto, a escolha das protagonistas serem as donas de suas próprias memórias, ancestralidade é que me move enquanto alguém que está como uma pé de véia ou de quem seja, pois, gritar para o mundo quem nós somos, quem estamos nos tornando é um ato de bravura, já que tantos querem nos silenciar. Dentro do NIEFAM, as senhoras puderam conhecer uma a outra de uma maneira diferente, sensível, acolhedora, algumas contando suas memórias pela primeira vez para um público. Isso é sabedoria, isso é o dos atos mais corajosos que pude presenciar enquanto pesquisadora e, principalmente, humana. Então, por essas memórias faladas, performadas através da música, da dança, em versos de cordel é o grito que quero dar com mais força que as memórias delas devem ser escutadas, lidas, contadas, cantada por esse mundão afora, pois elas que me aguçam a vontade de continuar matutando.

**MATUTANDO IV: MEU CORPO CARREGA MEMÓRIAS
ANCENTRAIS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

4.1 MEU CORPO CARREGA MEMÓRIAS ANCESTRAIS (RELATOS DE EXPERIÊNCIA)

Nesta quarta matutação irei relatar todas as vivências a partir das histórias e memórias trazidas por cada uma das senhoras por meio das oficinas de teatro que aconteceram na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no período do primeiro semestre de 2024. Cada oficina foi dividida em duas partes: uma dinâmica que serviria de pretexto para acessar uma memória de cada uma através de uma moda, um cordel, uma dança ou afins, como por exemplo, um cheiro, um sabor ou até um lugar, e depois sentávamos para compartilhar nossas histórias e as memórias acendidas a partir daquela dinâmica. O tempo era de 1h, 1h30 no máximo então, tinha que ouvi-las de forma muito atenta e cuidadosa, pois não sabemos o que passa na cabeça de cada pessoa quando lembra de algo que já vivenciou.

Especificamente essa parte estará totalmente dedicada a cada senhora que participou da oficina em algum momento, portanto, será transcrita de forma fiel cada fala e memória com o nome fictício de uma música que foi divertidamente inserida em nossas trocas nas oficinas. Cabe enfatizar que, nesta dissertação, os relatos estão com nomes de canções devido a algumas temáticas sensíveis tratadas por elas durante as oficinas e por utilizar bastante a musicalidade como ferramenta para imersão de suas memórias. Haverá, também, uma cópia com todos os cordéis para ser presenteado às senhoras e ao NIEFAM e esses, também, estarão com os nomes de canções como relatei acima.

Vale salientar, também, que para além de um relato transcrito de cada senhora, já estará, logo abaixo, o cordel escrito por mim que só será visto por elas no final dessa minha caminhada como mestrandia. Pois, em todas as oficinas, sempre disse que a ancestralidade, as memórias e os casos de cada uma são muito relevantes para suas vidas, tornam-se um legado a ser passado para toda comunidade. Ter isso escrito em folheto de cordel será uma maneira de potencializar a sua existência dentro da sociedade em que pouco se escuta a(o) mais velha(o) falar, ou pensa que a velhice é apenas esperar pelo fim da vida.

4.2 MEMÓRIAS ANCESTRAIS

A oficina aconteceu no dia 26 de abril de 2024, dentro da sala 5 do pavilhão Manoel Sarmiento, das 15h30 às 16h20. Esse dia trabalhei com a canção *Rouxinol*¹⁵. Primeiramente as ensinei e logo após cantamos juntas em uma só voz, em uma roda, em um só corpo, porém com várias memórias distintas. Nos alongamos, cantamos, respiramos e iniciei a prática chamada “a primeira vez que”, todas rimos, pois brinquei que não era “aquela” primeira vez que estava me referindo, que poderia ser também, mas as primeiras vezes delas com algo que marcou muito em suas vidas.

O jogo “*A primeira vez que*” foi indicação da professora de Português e Teatro Josilene Nery (minha parceira de amor e caminhadas), que relatou em uma de nossas trocas de experiências como professoras que utilizou o jogo como estratégia metodológica para motivar seus alunos/alunas a se expressarem oralmente, trocar experiências com as/os outras/os colegas, e assim promover um momento de interação e descoberta de afinidades entre eles. A dinâmica consistia em suscitar lembranças de episódios vividos e transformá-los em oralituras. Para isso, ela criou uma sequência didática que começava com o pretexto, nesse caso foi escolhida a música do Renato Teixeira *A primeira vez que fui ao Rio*¹⁶. Após ouvir a música, os alunos faziam uma roda de conversa, cada um contava sua primeira vez (um episódio marcante) e por último a prática da escrita.

A escolha do jogo *A primeira vez que* foi acolhida por estar próximo do que estava trabalhando e buscando dentro das oficinas de teatro: jogos como disparador de memórias e ancestralidade. Este primeiro relato será dedicado a uma, em especial, pois apesar de parecer que todas se conhecem por estarem em convivência dois dias na semana ou por muitos anos no NIEFAM, poucas sabem das histórias de vida da outra. Essa nos pegou totalmente de surpresa e nos levou às lágrimas.

¹⁵ Sou forte como vento, sou pesada como as águas. Sou eu, Rouxinol, e ando pela madrugada. Depois de algumas pesquisas, não consegui encontrar a/compositora/o da cantiga. Porém, durante as buscas encontrei várias versões, mas uma me chamou muita atenção, pois diz ser “Cantiga da encantaria amazônica; a cantamos em nossa celebração aos Ancestrais da Terra no Dia da Amazônia”. Disponível em: <https://soundcloud.com/mayra-darona-n-brighid/cantiga-do-rouxinol>. Acesso em 15 de junho de 2025.

¹⁶ Certa manhã, quando o Sol mostrou a cara Nós pegamos nossas malas e eu fui conhecer o Rio Eu e meu pai, numa rural já bemusada Nos pusemos na estrada muito longa Que nos leva para o Rio de Janeiro Eu tinha lá meus 15 anos de idade E era tanta ansiedade que eu nem consegui dormir A noite que precedeu nossa viagem Foi noite de vadiagens pela imaginação Fala baixo, coração Nos hospedamos num hotel muito elegante Em plena Praça Tiradentes Pois meu pai quis me mostrar Primeiro a parte da cidade que é cigana Depois, sim, Copacabana Onde eu fui vestindo um terno Passear em frente ao mar À noite, a gente conheceu a Cinelândia Com todo nosso recato, fomos só apreciar Antes do sono, nós ficamos conversando Sobre o medo que se sente no bondinho Um jeito muito carioca de voar Foi muito curto o nosso tempo de estadia Mas valeu por muitos dias de coisas pra se contar Pra gente que leva uma vida mais tranquila De um jeito quase caipira, ir ao Rio de Janeiro É o mesmo que flutuar. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/renato-teixeira/48431/>. Acesso em 15 de junho de 2025

4.2.1 Primeiro Caso: **LIBERTAÇÃO**¹⁷

Hoje é a primeira vez que contarei a minha história, muito sofrimento, com sete anos nós morava em uma fazenda e passava muita fome (choro). Meu pai pegou um resto de aipim pra gente comer, pra minha mãe fazer algum beiju pra gente comer também, mas o fazendeiro viu e prendeu... prendeu ele por mode a mandioca e o aipim que nois comeu. Só tinha sofrimento em nossa vida, então, minha irmã veio morar em Jequié comhomemrico e esse homemricotinha fazenda, aí como foi a situação, essa fazenda era dele que ficava perto de Maracás. Aí meio que mudou a nossa vida porque ele deu terra, teve muita fartura na nossa vida porque a gente plantou muito. Tinha milho, muita mandioca, muito leite. Aí eu via o povo estudando e eu pegava uns livro e fingia que tava estudando, sabe? mas não sabia nem fazer meu nome. Aí um dia chegaro umas tropas e pegou minha irmã, raptou, né? E eu que pensava que iria melhorar nossa vida, mas mesmo assim me levaram para capinar. Eu com nove ano passei por uma escravidão, a gente carregava as sacas como daqui até o aeroporto, por meio do mato, nois tudo criança. As filhas desses fazendeiros estudava tudo em Salvador e da gente fazia de escrava. Só tive sofrimento na minha vida. Com 17 ano eu consegui saí de la. Ai eu aprendi fazer meu nome sozinha, costurar, fazer coisa comaqueles panos, sabe? Ai eu aprendi ler depois de 60 ano, aqui, que comecei estudar coma pró, aprendi conta também. E quando eu tive 20 ano, eu fui num matinê levar as meninas pequena pra brincar, aí na saída desse matinê eu conheci um rapaz e aí nois conversou, perguntou das meninas, quem era as meninas. Aí disse que queria namorar comigo, fiquei noiva com três mês. Mas nem tinha beijado e nem nada. Aí um dia ele falou que o primo dele tinha uma roça e que era pra eu ir mais ele, ai nois foi. Eu perdi minha virgindade sem saber (foi estuprada cometários das outras senhoras) ele me embebedou, quando eu acordei em si já não sabia que tinha acontecido. Demorou muito pra mim namorar alguémde novo... me casei, tive três filho. Um mora fora, nos Estados Unidos, a outra em outro estado e tema que é minha benção que mora comigo. Tenho 71 anos, aprendi ler e escrever, sou evangélica e leio a bíblia e fico feliz quando leio, minha história é longa. Mas é isso (Relato de Libertação, NIEFAM, 2024)

Canção *Libertação* eternizada na voz de Elza Soares:

Eu não vou sucumbir
 Eu não vou sucumbir
 Avisa na hora que tremer o chão
 Amiga é agora
 Segura a minha mão [...]
 (Russo Passapusso, 2019)

¹⁷ Canção *Libertação* eternizada na voz de Elza Soares. Disponível em <https://youtu.be/6XrCS1GI2ec?si=uCuP2mWDICCIHdOg> Acesso em 15 de junho de 2025.

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Hoje com 71 anos
 Aprendi a ler
 Leio a minha bíblia
 E como é bom isso dizer
 Tudo aprendi aqui
 Ler, fazer conta e até curtir
 Os meus fi e o NIEFAM é que me faz viver
 (Mari Caroline, 2024).

Eu sofri
 Durante quase toda a vida
 Hoje eu conto, canto
 Com confiança as memórias “perdidas”
 Que me machucaram tanto
 Que as vezes nem com acalanto
 Conseguiram fechar as feridas

Passei por escravização
 Enquanto queria estudar
 Voltava a noite do mato
 Pois tinha que trabalhar
 Mesmo sendo criança
 Eu tenho essa lembrança
 Da minha vontade “matar”

Eu não queria
 Passar por essa situação
 Vendo minha família sofrendo
 Meu pai sendo preso por migalhas de aipim ou pão
 Essa memória eu carrego
 Porque minha história não nego
 Conto aqui com confiança e coração

4.2.2 Segundo caso: O MAR SERENOU¹⁸

Eu tenho uma primeira vez que é recente, recente. Já tive tanta oportunidade de ir em Morro de São Paulo, mas nunca fui porque sempre tive medo de atravessar o mar de barco ou de qualquer outra coisa e como não tinha outro jeito de chegar lá, eu sempre não ia. Aí quando foi agora na Semana Santa eu fui pra casa do meu filho, cheguei lá, ele me enganou e me colocou em uma balsa e atravessei de carro dentro do mar. Aí a gente passou por alguns lugares antes de chegar lá né. Aí ele me dizia “eu não te falei mãe que era tranquilo atravessar o mar”. Hoje em dia, se eu pudesse, eu ia todos os dias atravessar aquele marzão todo (risos) (Relato da senhora Mar serenou, do grupo NIEFAM).

¹⁸ A música *O Mar Serenou* foi composta por Candeia e ficou famosa na voz de Clara Nunes. Foi lançada em 1975 no álbum *Alvorecer*. A música é um clássico do samba e uma homenagem à rainha do mar, Iemanjá. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/clara-nunes/120355/>. Acesso em 15 de junho 2025.

Canção eternizada na voz da Clara Nunes:

O mar serenou quando ela pisou na areia
 Quem samba na beira do mar é sereia
 O mar serenou quando ela pisou na areia
 Quem samba na beira do mar é sereia
 O pescador não tem medo
 É segredo se volta ou se fica no fundo do mar
 Ao ver a morena bonita
 Sambando se explica que não vai pescar
 Deixa o mar serenar [...]
 (Candeia, 1975).

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Eu já tive
 Vários medos nessa vida
 Um deles era atravessar o mar
 E ver aquela coisa tão infinita
 Mas não teve jeito
 Meu filho me enganou direito
 E me fez criar coragem jamais sentida

Atravessei o mar
 Que o medo nem senti
 Conheci o Morro de São Paulo
 Que alegria vivi
 Agradeço a Deus e aos meus filhos
 Por tanto fazerem por mim

Hoje compartilho
 As boas histórias
 Com minha família, minhas amigas
 As minhas melhores memórias
 E sempre aproveitando mais
 Para sempre contar nessa minha trajetória
 (Mari Caroline, 2024).

4.2.3 Terceiro caso: O XOTE DAS MENINAS¹⁹

Minha primeira vez, foi meu primeiro beijo com doze anos, e aí eu morava em um lugarzinho pequeno, os meninos já ficava logo de olho (risos). E eu morria de vergonha. Aí lá em casa subia uma ladeira assim, sem calçar, morava no alto... No total, meus pais tinham sete filhos, quatro mulheres e três homens. Aí tinha a irmã caçula que era parceira, aí eu arrumei um namorado e fiquei lá embaixo beijando ele, abraçando ele, e minha irmã ficava no passeio vigiando. Quando mãe perguntava

¹⁹ “Ela só quer, só pensa em namorar” moda do rei do baião Luiz Gonzaga. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47104/>. Acesso em 15 de junho de 2025

“cadê Xote das meninas?” aí ela respondia “xote”²⁰ ainda tá vindo, atrasou um pouquinho, mas ainda tá vindo”. Mas não teve jeito, ela descobriu que eu tava era beijando na boca e quando entrei pra dentro de casa, só foi pano de prato nas costas. E minha irmã ainda me protegendo falando “não, mãe, ela não tava beijando homem não. Não bate nela não”, mas só que mainha tinha visto, né? (risos) porque mãe tem mais de dois olhos e vê muito mais que a gente pensa, hoje que eu sou mãe sei como é (risos) (Relato da senhora o xote das meninas, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Luiz Gonzaga:

Mandacaru quando fulora na seca
É o sinal que a chuva chega no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor já chegou no coração
Meia comprida, não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado, não quer mais vestir timão

Ela só quer, só pensa em namorar
Ela só quer, só pensa em namorar
(Luiz Gonzaga, 1953)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Uma vez
Quando mais novinha
Dei meu primeiro beijo
Perto da casa de mainha
Mesmo com minha irmã vigiando
Mainha saindo andando
Batendo com o pano de prato me xingando todinha

Era muito bom
Na boca beijar
Mas mainha tinha mais de dois olhos
Que nem minha irmã vigiando ia adiantar
Hoje eu entendo e dou risada
Que sou mãe e sei das paradas
Pois meus filhos também souberam aprontar

Mas eu sou diferente
Não importo muito não
Expliquei tudo direitinho
Para aprontarem com proteção
Não sou tão morder, confesso
Mas jamais farei meus filhos viverem em uma prisão
(Mari Caroline, 2024).

4.2.4 Quarto caso: *SEGREDO DO MAR*²¹

²⁰ Nome fictício relacionado a canção.

²¹ Canção de Flávia Wenceslau. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/flavia-wenceslau/1936721/>. Acesso

Ai... foi minha primeira vez na praia. A primeira vez que eu fui na praia foi com meu tio. Quando cheguei lá, fui andando um tiquinho e perguntei – Meu Deus será que se o mar tem fim?. Quando chegamos lá a gente não tinha lugar pra dormir, meu tio tinha uma caminhonete de daquelas de antigamente, aí ele falou que daria um jeito. Daí a gente pegou um monte de palha de côco, jogou um plástico por cima porque se chover, né? E colocou os colchões, as panelas, os trem lá, né e um fogãozinho pequenininho. Aí a gente fazia a barraquinha perto da caminhonete, fazia café, cozinha e depois a gente ia pra praia. Eu ficava sentada vendo aquelas ondas e curiosa pra saber se a praia tinha fim, e eu não podia ir, né? Eu não sabia se tinha fim (risos). Quando entrei no mar e bebi a água era salgada, a gente ficava invocada. Eu tinha nove anos quando fui e a gente sempre ia, porque eu adoro o mar, a natureza. A gente é descendente de índio e a gente gosta de ficar perto do mar. A gente acampava, era muito bom, tenho boas lembranças desses dias (Relato da Segredo do mar, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Flávia Wenceslau:

Uma parte do meu coração não me avisou que assim seria
 Conhecer os temporais pra ter alguma calmaria
 Achou por bem se entregar com a mesma força
 Que o silêncio se entrega à sua casa mansidão

Eh he he iá, navegar
 Pelo segredo tão sagrado desse mar
 Eh he he iá, navegar
 Pelo segredo tão sagrado desse mar
 (Flávia Wenceslau, 2007)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Eita como era bom
 Quando criança
 As viagens que fazia
 Que guardo na lembrança
 Da primeira vez que vi a praia
 E me enchi de alegria, curiosidade e esperança.

A gente não tinha muito
 Mas muito a gente tinha
 Montávamos barraquinhas com palhas
 E até improvisávamos uma cozinha
 Lembro das histórias do meu tio
 Que contava pra nós enquanto a gente comia.

Também descobri
 Que era índia
 Por isso o amor pelo mar
 Natureza, animais, rio

Colher e saber plantar
Não digo de alimento.

Mas de sabedoria
E conhecimento
Que meu povo tem para dar
(Mari Caroline, 2024).

4.2.5 Quinto caso: *ORAÇÃO DE ANJO*²²

Minha primeira vez foi meu primeiro emprego e a primeira vez que pisei aqui na UESB, com 19 anos. Morei na roça até os 11 anos em Palmeirinha, aí veio o concurso da UESB. Eu não sabia nem o que era concurso, nem o que era universidade. Só sei que estudei e passei, foi meu único emprego, trabalhei 36 anos, e tô até hoje, na verdade tô aqui no NIEFAM, porque vai fazer cinco anos que me aposentei, aí entrei no NIEFAM. Estar aqui no NIEFAM pra mim é uma família, é uma continuidade, é minha história, né? Eu aprendi a nadar nessa piscina, meus filhos cresceram vindo pra cá também, minha filha fez Teatro aqui, hoje é professora. Era meu sonho e o dela estudar na onde eu trabalhava. Mas gostaria de falar outra primeira vez, que foi vencer meu medo de altura. Eu subi no teleférico lá na Aparecida do Norte, tinha um medo tão grande de altura, até de uma escada. E achava que quem subisse lá morria, mas venci meu medo. Depois de aposentada eu estudei, hoje eu sou terapeuta emocional, então eu comecei a entender e vencer esses medos e lá na Aparecida eu senti um frio na barriga, mas disse que iria. Foi um grupo, fui filmando, cantando, quando cheguei lá do outro lado, vi que encarar o medo é ser maior que ele, e eu fui maior que ele. Foi muito bom (Relato da senhora Oração de Anjo, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Ceumar:

Não permita Deus que eu morra
Sem ter visto a terra toda
Sem tocar tudo que existe
Não permita Deus que eu morra triste
Dai - me a graça de viajar de graça
Por essa esfera afora
De virar uma linda senhora
Uma linda lenda
Tecer cada fio da renda
Contar cada cacho
De cabelo de anjo
Transformá-lo num bonito arranjo
Da mais bela canção.
(Ceumar, 2016)

²² Música de Ceumar. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ceumar/1541684/>. Acesso em 15 de junho de 2025.

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Com 11 anos
 Não sabia o que seria
 Me mudei para cidade
 E fui atrás de sabedoria
 Muito aprender
 Para um dia reconhecer
 Que todo esforço a pena valeria.

Aos 19 anos
 Passei no concurso
 Fiquei tão feliz
 Diante todo meu percurso
 Por estar colhendo
 Aprendo e vivendo
 Aquilo que tinha feito com esforço

Fico a entender
 como são as coisas da vida
 Tinha sonho enorme
 De conhecer nossa Senhora Aparecida
 Mas o medo me impedia
 Por mode a altura subir
 E não ter mais descida.

Mas um dia
 Eu consegui
 Subi ao teleférico
 A nossa Senhora pedi
 Que tirasse aquele danado
 Pois meu sonho estava pra ser realizado
 De te ver, agradecer por ter chegado até ali.
 (Mari Caroline, 2024)

4.2.6 Sexto caso: *CONQUISTANDO O IMPOSSÍVEL*²³

Minha primeira vez foi quando eu fui pra São Paulo, mas eu não tinha muito gosto de ir pra lá não, porque o povo falava de violência, de morte, aí eu falei que Deus me livre de ir pra esse lugar. Mas aí eu tive problema de saúde e tive que ir. Meus filhos que moram lá falaram, “mas mainha a senhora tem que vim pra se tratar”, aí eu fui, fui de ônibus. Aí quando eu cheguei lá (risos), quando fui subir aquele diacho de escada rolante (risos), eu fiquei com medo de cair, porque nunca tinha subido naquele negócio, aí meus filhos sempre tinham que segurar meus braços pra mode eu subir. Mas depois eu fui perdendo o medo aos poquinho. O pior foi quando meus filhos falaram que pra eu voltar tinha que voltar de avião, aí eu falei “ô meu Deus, quero ir não”. Quando eu fui viajar, eu peguei minha bíblia e agarrei nela, mas quando eu subi, eu só pensava “Meu Deus será que eu vou morrer”, a gente pensa essas coisa, né? Mas eu fiquei com menos medo porque eu vim com Deus na frente e meus dois filhos. Aí eu já falei “Elevo meus olhos para os montes,

²³ Canção de Jamily. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jamily/135111/>. Acesso em 15 de junho de 2025.

de onde vem o socorro? O meu socorro vem do Senhor, criador do céu e da terra, não deixará vacilar o teu pé, aquele que protege não dormirá”. Menina, acredita que acabou meu medo (risos). E o negócio de praia, eu não sou muito chegada não, mas eu vou. Quando chego lá sabe onde fico? Na beirada da areia. Aí muitas coisas assim, mas o medo de avião eu já perdi meu medo, até da escada eu não tenho mais medo, seguro firme e subo e desço aquele negócio. Quando a gente pega com Deus a gente perde o medo das coisas. Hoje pra mim tudo é tranquilo porque me apego com ele (Relato da senhora Conquistando o impossível, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Jamilly:

Acredite
Que nenhum de nós
Já nasceu com jeito pra super-herói
Nossos sonhos a gente é quem constrói

É vencendo os limites
Escalando as fortalezas
Conquistando o impossível pela fé

Campeão
Vencedor
Deus dá asas
Faz teu voo
Campeão
Vencedor
Essa fé que te faz imbatível
Te mostra o teu valor
(Beno César e Solange César, 2004)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Tem um negócio que não gosto
Viajar de avião
A primeira vez que fui
Quase morro do coração
Mas me apeguei com Deus
Porque ele nunca solta minha mão.

Meus filhos me deram coragem
De na escada rolante subir
Um trem difícil
Que pensava que iria cair
Mas, mais uma vez, me apeguei com Deus
Que de mim nunca iria desistir.

Hoje eu vou
E também consigo voltar
Não tenho mais medo de escada
E nem dentro de um avião entrar
Pois quando estou lá dentro
Me sinto como uma passarinha a voar

(Mari Caroline, 2024).

Nesse dia ficamos muito abaladas com o primeiro relato e observei o cuidado que todas tiveram com sua colega. Cada uma, antes de finalizarmos a oficina, foi abraçada-la, ela, emocionada, disse que hoje já tinha vencido toda aquela dor. Fiquei refletindo nesse curto período em que elas estavam interagindo entre si, quanta confiança é/foi depositada por cada protagonista de sua história. Para mim, enquanto a pró (como me chamam), acredito que estou no caminho certo e que esse caminho é muito além do material, a energia dos meus ancestrés é que me guia para a cada dia aprender muito mais. Para finalizar esse dia de contações das primeiras vezes, fiz uma gira mais intimista, mais próximas uma das outras como um abraço, um afago e cantamos, bem baixinho, a mesma cantiga do início *Rouxinol* e ao final nos abraçamos em conjunto, respiramos e nos despedimos como sempre, com um abraço gostoso.

4.3 ESSA MODA TEM HISTÓRIA

Essa oficina, como todas as outras, foi muito especial, principalmente por perceber o decorrer de todas as aulas e todas as trocas, que quando envolvia musicalidade, seja ela cantada, seja ela tocada e cantada, ou seja ela na caixa de som, as senhoras ficavam mais alegres e os seus corpos ficavam mais em movimento. Seja com suas limitações de quem estava com dores nas pernas ou tinha alguma outra questão e ficava balançando a cabeça, fechava os olhos, porque ali já dava para perceber que no simples havia memória. Porque não sei se é assim com você leitor/leitora, mas é uma coisa minha, quando eu ouço uma música e fecho os olhos é porque aquela canção tem um sentido muito grande, e existe nela uma memória afetiva com uma história. E nesse dia não foi diferente.

Sempre iniciamos com alongamentos de acordo com o corpo de cada uma. Fiz alongamento corporal, alongamento vocal, aquecimento vocal e depois expliquei para elas qual seria o nosso jogo ou como costumávamos dizer o nosso *divertimento* daquele dia. Comecei dizendo que havia selecionado algumas modas e que elas (alunas) teriam que deixar-se levar até acessar uma memória independente do tempo. Dei o *play* nas canções e elas automaticamente, da forma delas, de pares, sozinhas, começaram a dançar. Depois de um dado momento ia abaixando a música para dar início a outra. Montei uma *playlist* bem diversificada em um aplicativo para poder realizar a oficina e foi muito difícil escolher as músicas para o curto tempo que tinha no decorrer do jogo.

As modas eram de forró, forró mais antigo, não porque está relacionado a senhoras que

tudo tem que ser antigo, muito pelo contrário, escolhi cada uma carinhosamente, pensando nos gostos de cada pouco que conhecia delas. Quando colocava determinada canção e elas reconheciam, elas dançavam e cantavam com mais liberdade.

Coloquei essas músicas, coloquei samba, coloquei samba de roda, pagode, coloquei todos os estilos de modas. E a cada canção algumas elas conheciam, outras elas não conheciam, mas o corpo estava em movimento, a corporariedade, a oralitura dançada, a oralitura performada, porque a oralitura ela não está só no sentar ou não ficar em pé e falar. A oralitura não precisa apenas de palavras, um gesto já é uma oralitura, uma dança e a forma que a pessoa dança, a reação que ela tem a partir de cada música foi o que eu observei e observava bem atentamente. Para Leda, “por via da performance corporal, a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural. A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pelo corpo e seus vozeados, denominei de oralitura” (Martins, 2021a, p. 212).

Isso eu fazia observando e dançando junto com elas, e quando a música estava perto de acabar, eu ia lá trocar e ficava olhando, porque quando eu trocava a música eu via reação de cada uma, quando era uma moda conhecida, era essa boa demais, e aí era o corpo falando cada vez mais e reações também, claro, cantadas. Quando acabaram as músicas como já citei anteriormente, nós sentamos e expliquei que tinha selecionado aquelas modas de acordo com a minha trajetória e que minha família é bem diversificada. A minha família materna, por exemplo, gosta mais dos *modão* sertanejos de viola caipira. Gosta de *modas* que tenham mais tranquilidade, gosta de ouvir forró, forró bem pé no chão, seresta. Já a paterna gosta de ouvir *flashbacks*, que são as músicas internacionais, gostam de ouvir o *pagodão baiano* e o pagode romântico. E eu fui explicando que eu tenho toda essa bagagem e levo tudo em qualquer lugar que vou.

Também tenho minha identidade musical, curto minhas próprias músicas, mas essas influências são minhas memórias percorrendo o meu ser e sou muito feliz por isso. Comecei a explicar novamente como seria a segunda parte e elas perguntaram qual era a história de tal música que elas queriam saber. Falei que eram elas que iriam escolher uma música que ficara mais na mente e no corpo, para a partir disso acessar uma memória e compartilhar uma história.

E aqui estão algumas memórias contadas por elas.

4.3.1 Sétimo caso: *GABIRABA*²⁴

²⁴ Canção de Edgar Mão Branca. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/edgar-mao-branca/1260971/>. Acesso em 15 de junho de 2025.

Sou eu que tenho que começar? Ah, porque não começa pela... Tá bom, tá bom, tá bom, vou começar. Eu gostei de todas essas músicas, porque eu sempre gosto de música, gosto de dançar, gosto de mexer o esqueleto. É a música que eu me identifiquei, que me traz uma lembrança, né? Ou como você falou uma memória, foi a música do Gabiraba. Que é aquela “bebeu, bebeu, Gabiraba embebedou, Gabiraba meu chapéu caiu, Gabiraba meu amor voltou, Gabiraba...” Porque me lembra muito a minha adolescência assim, que aí eu morava lá, que agora é cidade, mas antes era município daqui, que era Jaguacoara, Jaguacoara não, Aiquara, e aí quando o pessoal, nós era bem pobre assim, não tinha dinheiro para a fatura, essas coisas, mas a gente era bem feliz, e aí a gente juntava, não juntava uma coisa, não juntava outra, que todo mundo era da roça assim, levava as coisas, a gente fazia um assado, um churrasco na leia mesmo, e aí botava as músicas no rádio, e naquela época não tinha essas coisas de... como é que fala? Celular, aquele negócio, pendrive. E o pendrive é pendrive. E aí passava sua música e todo mundo cantava, né? Meu chapéu caiu, aí toda vez que eu lembro dela, aí eu lembro da meu avô, meu avô, né? Que já não tá aqui mais. E aí é uma lembrança boa, né? Que a gente sente saudade, que a gente tem vontade de voltar assim no tempo para ver as pessoas de novo, mas como você falou, as pessoas estão com a gente, sempre vão estar com a gente. E essa é a minha história com a música (Relato da senhora Gabiraba, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Edgar Mão Branca:

Bebeu, bebeu Gabiraba, no bebedor Gabiraba
 Meu chapéu caiu Gabiraba, meu amor "panhou" Gabiraba
 Menina me dá um beijo Gabiraba,
 Só não quero no pescoço Gabiraba,
 Quero na ponta da mama Gabiraba,
 Que é lugar que não tem osso Gabiraba.

Cravo Branco, Cravo roxo Gabiraba
 Cravo de toda nação Gabiraba,
 Quando o cravo muda a cor Gabiraba
 Quem dirá meu coração Gabiraba
 (Edgar Mão Branca, 2001)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Bebeu, bebeu
 Da fonte da alegria
 Contando sua história
 Um sentimento que contagia
 Da música gabiraba
 Ser ainda muito cantada hoje em dia

São tantas lembranças
 Que é difícil contar
 Porque quando fecho os olhos
 Me leva para lugares onde queria estar
 Dá uma saudade bonita
 E a vontade de aquilo de novo vivenciar

Mas os legados
 São sementes que plantamos
 Hoje eu contei para vocês

E contarei de novo daqui uns anos
 Dando a mesma risada
 Da linda memória que criamos
 (Mari Caroline, 2024).

4.3.2 Oitavo caso: *NOITES BRASILEIRAS*²⁵

A minha história coma músicaé que eu gosto muito de música, que nemminha colega que falou, eu gosto muito de música, gosto muito de dançar. Lá em casa mesmo tem uma rádio que eu já ligo e boto nas músicas que eu gosto, que eu pedi meu filho para colocar as músicas que eu gosto e aí eu escuto todo dia, mas a música que eu mais gostei foi todas, mas a que lembro mais assim, da memória, é aquela de Luiz Gonzaga, que a senhora botou. Que fala do...“Olha pro céu, meu amor, veja como ele está lindo. Olha pra aquele balão multicolor que lá no céu vai subindo”. Aí eu me lembro de quando era nova e nós ia tudo pra roça pra fazer o São João. E a gente fazia no São João com muita dança. Eu acho que por isso que eu gosto de dançar até hoje. Eu acho que eu sou muito dançadora. E essa música me lembrou muito minha família. Assim, quando todo mundo era vivo. Meu pai, minha mãe, minha avó e aí nós fazia as festas e nós mesmo que plantava as coisa. Às vezes quando não vingava, nós pegava e comprava dos cumpade, as cumade dava uns milho para a gente, a gente cozinhava, assava e ali a gente comia, a gente fazia também mas aí é quando nós tinha, nós tinha para criar né, que é o porco que nós assava na lenha e aí nós passava a noite inteirinha ouvindo as músicas né e aí era naquele negócio que é grande, assim, um disco. Eu lembro que minha avó, minha avó tinha um toca disco, aí botava um disco de Luiz Gonzaga e aí passava essas músicas. Aí nós dançávamos até umas hora. E aí essas lembranças que eu tenho, lembrança boa assim, né? Mas eu não deixo de dançar, não. Eu danço, eu canto, gosto muito. Tem até um lugar onde tem uma seresta ali, pró, indo pro ponto de ônibus ali, pertodo posto de saúde, que às vezes temuma seresta. Aí eu vou, porque eu não morri ainda, e eu gosto muito de dançar. E é isso, pró (Relato da senhora Noites brasileiras, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Luiz Gonzaga:

Ai que saudades que eu sinto
 Das noites de São João
 Das noites tão brasileiras nas fogueiras
 Sob o luar do sertão
 Das noites tão brasileiras nas fogueiras
 Sob o luar do sertão

Meninos brincando de roda
 Velhos soltando balão
 Moços em volta à fogueira brincando com o coração
 Eita, São João dos meus sonhos
 Eita, saudoso sertão, ai, ai
 (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1954)

²⁵ Disponível: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/338394/>. Acesso em 15 de junho de 2025)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Dançar é que gosto
E música escutar
Coloco no meu rádio
E começo a me lembrar
De como é bom poder tá viva
E dela ainda desfrutar

Viver bastante
Curtir, dançar é que quero fazer
Para tirar da cabeça desse povo
Que gente mais velha só tem que esperar morrer
Pois eu falo pra todo mundo
Que sou mais velha e quero mais é viver

Vou seguindo
E vou dizendo
Que quando eu danço, canto
É quando estou ainda mais vivendo
Tu vai ver daqui uns anos
Com cem anos vou rir e dizer, tá vendo?
(Mari Caroline, 2024).

4.3.3 Nono caso: MEU BARQUINHO²⁶

É para falar o que mesmo? a história a memória eu não tenho muita memória assim pelo menos o que eu lembro não, eu gosto muito de música gosto de dançar mas eu sou mais quietinha assim mas memória de música, eu lembro quando era mais nova que pai tinha umradinho e eu sempre ligava assim mais cedo para ouvir as notícias né e antigamente também nós ouvia. As novelas tudo no rádio pelo menos na minha época, porque nós não tinha dinheiro para comprar televisão e ainda fazia as novelas na rádio ou voltava de novo para nós ouvir e aí as memórias é a mesma quando eu vou para a igreja e vejo aquele povo cantando assim bonito e fazendo uma dança bonita aí eu gosto muito de ver, gosto muito de ver na igreja me sinto muito bem e essa é a minha memória de música não tenho muita história não é isso (Relato da senhora Meu Barquinho, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Giselli Cristina:

O vento balançou, meu barco em alto mar
O medo me cercou, e quis me afogar
Mas então eu clamei, ao filho de Davi
Ele me escutou, por isso estou aqui

O vento Ele acalmou, o medo repreendeu
Quando Ele ordenou, o mar obedeceu

²⁶ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/giselli-cristina/1791433/>. Acesso em 15 de junho de 2025.

Não temo mais o mar, pois firme está minha fé
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar
 Seu nome eu clamarei, Ele me guardará

Não temo mais o mar, pois firme está minha fé
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar
 Seu nome eu clamarei, Ele me socorrerá
 (Giselli Cristina, 2014)

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

Minha memória
 Pouco tenho para falar
 Não que não tenha lembranças
 Mas sou tímida para compartilhar
 Tenho orgulho das minhas histórias
 Mas, às vezes, prefiro comigo guardar

Eu contei hoje
 A história da musicalidade
 De quando vou na igreja
 E me sinto muito à vontade
 Vejo muita beleza no cantar
 E nas danças feitas pela joviedade

Talvez eu mude
 Ou talvez não
 Ser assim é me sentir livre
 E não me importo com a opinião
 Sou feliz assim
 E vivo bem feliz de coração
 (Mari Caroline, 2024)

4.3.4 Décimo caso: *COMO É GRANDE O MEU AMOR POR VOCÊ*²⁷

Ah, eu estava esperando a minha vez, porque tem uma coisa que eu gosto, é de música. E agora que temo celular, né? Eu boto as músicas tudo no meu celular, temuns vídeos bonitos. Mas da música que nós dançamos e cantamos, tem uma que eu gosto muito, que tem uma memória muito boa. Que foi quando os meus filhos, né? No meu aniversário, eles fizeram um bolo de aniversário e compraram umas flores. E aí entrou cantando, cantando não, com a música de Roberto Carlos. Que eu ouvi que é aquela que a senhora botou “como é grande o meu amor por você”, por isso que quando a senhora canta essa música (Como é grande meu amor por você) música me dá vontade de chorar, mas não é uma tristeza não, é de alegria que essa música é bonita demais, e tem outra também, gosto muito de samba, mas e quando você botou a aquela assim é que dança o carimbó, eu já dancei muito carimbó, quem me conhece sabe que já viu dançar. E eu me apresento com minha cumada sem saionas assim que roda, como é a música

²⁷ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/roberto-carlos/48570/>. Acesso em 15 de junho de 2025

mesmo? como é que é que eu esqueci a música? Ave maria deu um branco na mente. Ai eu gosto muito de dançar ela e outras músicas de forró, lambada, eu gosto de dançar qualquer coisa. Tudo que mandar dançar eu danço. E essa música que eu escolhi de Roberto Carlos, eu tenho um sonho de um dia conhecer ele. Num sei se nessa vida vai ser possível, né? Se Deus, meu bom Deus, minha Nossa Senhora, me permitir. Eu quero muito conhecer, que eu gosto muito das músicas dele. Ô Pró, eu tô tentando lembrar a música do Carimbó que cê botou. Aí, é aquela assim... Eu não vou me lembrar não [pausa para lembrar] Lembrei, que começa assim, que é do passarinho “curió, do bico doce, passarinho quem te trouxe pra dançar um carimbó”, aí vai a dançando e a gente roda na saia... mas voltando ao dia do meu aniversário, foi um dia muito bonito, muito bonito mesmo, assim, eu agradeço a Deus, sempre agradeço a Deus, tenho muita fé, que quando a senhora botou a música do Roberto Carlos, ah nossa, aí eu fechei os olhos assim, e fui balançando a cabeça, e a gente foi dançando mais calmo assim, né, e aí eu fui só me lembrando do dia que fizeram o aniversário, botaram essa música e tava todo mundo lá em casa. Nós temos apego com os filhos, mas nós criamos os filhos para o mundo, né? Então, assim, eu dou graças a Deus que tem alguns filhos que moram longe, mas sempre que dá, vem me visitar. Tem uns filhos que moram aqui mesmo e uns filhos que moram mais perto, mas sempre vem me ver. E aí eu fico muito feliz, muito feliz. E eu gosto muito de música, né? Eu já falei e eu vou parar que eu já falei um bocado (Relato da senhora Como é grande meu amor por você, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada na voz de Roberto Carlos:

Eu tenho tanto pra lhe falar
Mas com palavras não sei dizer
Como é grande o meu amor por você

E não há nada pra comparar
Para poder lhe explicar
Como é grande o meu amor por você

Nem mesmo o céu, nem as estrelas
Nem mesmo o mar e o infinito
Nada é maior que o meu amor
Nem mais bonito

Me desespero a procurar
Alguma forma de lhe falar
Como é grande o meu amor por você

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

O tempo passa
E é sempre bom relembrar
Das memórias que vivi
E as que ainda tenho pra vivenciar
O sonho de conhecer o Roberto Carlos
Quem sabe eu possa realizar?

Ah como foi bom
Comemorar o dia que nasci
Comer bolo, cantar, dançar
Junto dos meus fi

Não tem dinheiro nesse mundo
Que apague essa memória aqui

A música dele Que foi cantada
Me lembro até hoje
Que toda vez que escuto fico emocionada
Pois ô coisa bonita
É amar e ser amada.
(Mari Caroline, 2024)

4.3.5 Décimo primeiro: *CHICO MINEIRO*²⁸

Eu vou falar pouco porque nós não estamos com muito tempo e está começando a chover e nós temos que pegar o ônibus, mas eu tenho uma memória muito, muito boa, que é, como minha colega falou, ela falou das músicas de Luiz Gonzaga, e aí me fez lembrar meu avô. Meu avô era muito apaixonado assim, sabe, pro São João, e sempre quando estava na época de São João, ele falava pra todo mundo que era pra ir pra roça dele, né? Nós morava perto, mas tinha que ir pra roça dele, e aí vó pegava uns tecidos, um tecido assim, e fazia as roupas da gente, né? Das irmãs, das primaiada e tudo. E aí fazia saia, vestidinho, as calças com os pedaços de retalho pros menino. E meu avô, meu avô, ele era daqueles de montar a, como é que fala? Afogueira, grandona, porque ele gostava de ver a fogueira queimando a noite toda. Não é igual essas fogueira que a gente vê hoje, que acende rapidinho e já tá apagando. Ele montava a fogueira e aí nós ficava até mais tarde vendo a fogueira queimar. E aí tem outra coisa também, que ele fazia os próprios fogos. Ele pegava as pólvora e sabia fazer aquele foguete. Todos assim lá no ar e aí ele fazia e a gente pegava aqueles pedaços mesmo antigamente de bobril e aí a gente fazia chuvinha, a gente fazia de chuvinha e aí nós comia... aí da música, né, você botou forró, você botou os modão também em sertanejo que ele gostava bastante de ouvir, isso que a senhora botou que eu gosto, que eu lembrei dele também, que ele gostava muito de ouvir, que é Chico Mineiro, que nem a senhora já falou que seu avô canta, né? ele não cantava não, ele ouvia como é que começa? - é assim, “fizemos a última viagem, foi lá pro sertão de Goiás foi eu e o Chico Mineiro também foi uns capatás”. E aí ele contava história para nós, né, que foi os dois cumpades, eles viviam viajando, eles foram para uma festa, né, acho que na música fala assim, e aí Chico Mineiro morreu. Ele falava que o Chico Mineiro morreu e quando o outro descobriu nos documentos, né, Chico Mineiro era irmão dele, irmão mesmo de sangue. Aí a música acaba, canta aí, pró, também. “- Quando eu vi os seus documentos me cortou meu coração e saber que o Chico Mineiro era o meu legítimo irmão”, essa é a parte mesmo aí, eu gosto muito dessa música e a de Luiz Gonzaga, que a gente ouvia, mas não só Luiz Gonzaga, mas outros cantor também, nos forrós mais antigos, e é isso, é uma lembrança muito boa, dá vontade de voltar atrás e viver de novo com tudo aquilo, eita saudades, mas hoje ele não está aqui mais nós, mas eu sei que ele está lá no céu me vendo aqui, tanto ele, tanto como minha avó, e aí essa é minha história. De música, né? Como a senhora falou que a música tem história, tem história mesmo. Tanto história da música de quem canta, tanto história de quem tá escutando também. Então essa é a minha história de meu avô, de São João (Relato da senhora Chico Mineiro, do grupo NIEFAM).

Canção eternizada nas vozes de Tonico e Tinoco:

Fizemos a última viagem
Foi lá pro sertão de Goiás
Fui eu e o Chico Mineiro

²⁸ Disponível em: <https://youtu.be/On3Cx-Pn7uI?si=PkxfsG1TmR0ihfAb>. Acesso em 15 de junho de 2025.

Também foi o capataz

Viajamos muitos dias
Pra chegar em Ouro Fino
Aonde passemos a noite
Numa festa do Divino

A festa tava tão boa
Mas antes não tivesse ido
O Chico foi baleado
Por um homem desconhecido

Larguei de comprar boiada
Mataram meu cumpanheiro
Acabou-se o som da viola
Acabou-se o Chico Mineiro

Cordel NIEFAM: memórias ancestrais

São João, São João
Acendeu a fogueira do meu coração
Ao lembrar do meu vizinho
Aqueceu meu coração
Memórias assim são boas de visitar
Para nunca deixar elas em vão

A querida vó
Que gostava de costurar
Fazia cada vestido, calça bonita
Pra mode nós poder usar
Na festa de São João
A gente poder muito dançar

Assim como Chico Mineiro
Aqui a saudade sempre bate
Dos momentos que se passaram
Daqueles momentos de alarde
Todo mundo cantando, comendo, dançando
Sendo felizes de verdade
(Mari Caroline, 2024).

Esse dia da oficina foi muito especial, como já disse no início, porque sempre levo musicalidade para a maioria das oficinas, que infelizmente não foram muitas, porque elas aconteciam no dia de sexta-feira e pegamos vários feriados na quinta, e na sexta a UESB fechava. Portanto, não diria esta palavra *prejudicou* por ter conseguido realizar poucas, porque muitas vezes o pouco é muito, então as poucas oficinas foram o suficiente para eu aprender tanto sobre mim e sobre um pouco mais das histórias delas. Nós finalizamos esse dia de forma

bem rápida, porque elas tinham de pegar o ônibus para irem embora e o horário era rápido, de 15h30 até 16h30, pois o ônibus já ficava estacionado. Porém, lembrei de um jogo que a gente fazia nas danças circulares, quando eu ainda estava em observação, que era falar uma palavra que cada um estava sentindo sobre aquela experiência. Dessa forma, os nomes delas, especificamente neste relato terão as palavras que cada uma sentiu.

4.4 “VOU LEVAR NO CORAÇÃO A FULÔ QUE TU ME DEU”

Este relato conto com alegria e ao mesmo tempo um pouco de frustração, pois hoje como estamos muito envolvidas com tecnologias que tanto nos ajudam, porém como diz minha avó, “a gente também leva rasteiras dela”. Perdi algumas gravações, exatamente duas gravações de duas oficinas que foram incríveis: a primeira oficina onde elas se apresentavam e falavam o que gostavam mais de fazer no seu dia a dia a partir de um jogo que tinha feito, como sempre faço, iniciando com música, em um círculo. E a outra no penúltimo dia de oficina, que na verdade, foi uma oficina/ensaio para o São João.

Nesse penúltimo dia foi muito bom. Me recordo que começamos com uma ciranda cantando e cirandando com a música de Lia de Itamaracá, que é uma das referências que Maria e Mônica²⁹, que são grandes amigas, me apresentaram, principalmente Maria, por Lia³⁰ ter sido sua pesquisa de doutorado.

Começamos a gira com a canção “essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá, essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá”. E depois desse formato de ciranda, e como estávamos perto da melhor época do ano (São João no Nordeste), da própria ciranda, comecei a puxar um caracol formando uma linda espiral, cheia de sorrisos e animação. Logo após, tive que começar a fazer o ensaio, pois sem programação não teríamos festa. Conversei com a professora Luzia, coordenadora do NIEFAM, que eu ficaria responsável pela programação e faríamos na quarta-feira (dia que não teria oficina), a lista de comes e bebes. Em seguida, no mesmo dia da oficina/ensaio, pró Luzia chamou as outras senhoras que não fizeram parte de forma direta da oficina, mas fazem e fizeram parte da minha caminhada desde

²⁹ Maria e Mônica são parceiras de vida e voluntárias do NIEFAM há alguns anos, trabalhando o corpo a partir da arte. Sou muito agradecida por elas terem sido a porta para que eu pudesse entrar também.

³⁰ Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá, nasceu no dia 12 de janeiro de 1944, na ilha de Itamaracá, Pernambuco. Sempre morou na Ilha e começou a participar de rodas de ciranda desde os 12 anos de idade. Foi a única de 22 filhos a se dedicar à música. Segundo ela, trata-se de um dom de Deus e uma graça de Iemanjá. Mulher simples, com 1,80m de altura, canta e compõe desde a infância e hoje é considerada a mais famosa cirandeira do Nordeste. Trabalhou como merendeira em uma escola pública da rede estadual de ensino até 2008, quando recebeu da Fundarpe o título de Embaixadora da Casa da Cultura Recife. Nas horas vagas, dedica-se à música e à ciranda, além de cantar e compor cocos de roda e maracatus.

2017, muitas senhoras ainda que estão lá, graças a Deus e Nossa Senhora Santíssima, como elas dizem. Botei todas as modas que elas gostam de dançar “olha isso aqui tá muito bom isso aqui tá bom demais” e aí fazíamos pares, tudo de acordo os limites do corpo de cada uma.

O meu último dia, caiu no dia da Festa de São João e foi muito incrível, porque aconteceu justamente no ODEERE. Para mim foi o melhor fechamento daquele ciclo, porque foi ali, onde tudo começou, o meu pré-projeto, as mudanças dele no decorrer das disciplinas, a escrita do projeto para o CEP, a escolha de qual lugar realizaria a pesquisa e ver todas senhoras irem vestidas com roupas juninas, assim como em suas memórias partilhadas, foi lindo.

Figura 7 - Dia que minha vó conheceu as outras senhoras da minha caminhada.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nós ornamentamos com xita, balão, bonequinha de palha, bandeirolas. Vesti uma saia rodada improvisada para apresentarmos as duas músicas e a quadrilha. Cantamos, fizemos brincadeiras, comemos, bebemos e contamos história, como fofoca boa. Foi divertido para todo mundo, mesmo com menos de uma semana, deu tudo certo. É uma lembrança que guardarei sempre, que fico muito triste por ter perdido, por ter levado essa rasteira da tecnologia e ter perdido as gravações, essas duas gravações que tinham algumas histórias ainda.

E para finalizar este capítulo sobre o NIEFAM, o Núcleo tem mais de 25 anos e ressalto a potencialidade e a importância que ele tem na vida de cada pessoa que faz ou fez parte dele. Abrindo um pequeno parêntese, uma das senhoras, que fez parte da minha oficina, acabou ancestralizando o ano passado. Todas nós ficamos muito tristes, e infelizmente não foi permitido colocar a história dela. Gostaria muito, mas o importante é que sua história, seu sorriso e alegria vou carregar dentro de mim. Todas elas vão carregar dentro delas, as experiências que compartilhamos juntas. E mais uma vez agradeço a oportunidade que as senhoras me deram por conhecer um pouco mais do que são aquelas senhoras que sorriem, que

nos faz sorrir o tempo inteiro e que chama a gente de neta e que nos acolhe igual o colo de minha vó ou minha mãe. Percebem quando estamos bem e percebem quando não estamos bem, principalmente quando não estamos bem mesmo. Percebem até quando emagrecemos um pouco, “oh tu emagreceu mais um pouquinho, oh tu já é magrelinha, não vai sumir não, tem que comer”. E esse carinho imenso é muito recíproco. Todas as vezes, independente de onde estiver fisicamente presente ou não, elas estarão dentro de mim.

Nada é por acaso. É como sempre vou falar dessa roda, dessa gira, dessa ciranda, dessa espiral, que ela vai dando voltas até nos encontrarmos novamente. Começou lá em 2017, onde tive que dar uma pausa longa por conta da graduação e muitas demandas, e retornei em 2023 como observadora com minha amiga Mônica e em 2024 como pesquisadora.

Sempre quando estou em Jequié vou de *osada* dar uma olhada no que estão aprontando e sou recebida com o amor que me aquece como humana, me torna uma pessoa ainda mais pé de véia.

Eu fico muito feliz quando muitas pessoas da arte, independente de qual forma ela seja, se interessam em estar com os mais velhos. Digo os mais velhos não no sentido da palavra, mas digo porque às vezes é muito difícil ver alguém que se interessa em trabalhar com pessoas que tenham uma certa limitação (não generalizando), mexer demais pode alterar a pressão, tem questões com diabetes, dores na coluna. Então é todo cuidado, é toda uma atenção a mais. Mas o bom é que elas, nos seus limites, e também respeitando o limite de cada colega, fazem e incentivam umas as outras fazerem.

Todas as vezes que tiver oportunidade de falar sobre o NIEFAM, irei falar, porque faz parte de mim, assim como minha vó, que todo mundo conhece desde quando comecei a pesquisar sobre ancestralidade, entender mais o que é o sentido da palavra, o sentido para mim, dentro e fora e o sentido para o outro/outra. É como o futuro, o passado e o agora. Cada pessoa tem seu tempo para processar, cada pessoa tem seu tempo para se entender pertencente a ancestralidade, e cada um tem seu tempo para entender sua identidade. Porque nós somos seres constituídos(as) por mudanças, somos seres não lineares.

Sou muito grata por cada senhora, por vocês terem feito parte disso, este trabalho é de vocês, é para vocês. Espero que seja uma pequena semente para que várias outras pessoas possam falar muito mais da potencialidade que vocês têm e que vocês trazem na vida de cada pessoa que passa por vocês. Muito, muito, muito, muito obrigada.

Figura 8 - Eu e minha cumade na festa junina do NIEFAM



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

The image features a hypnotic spiral pattern of red and black concentric rings. The spiral starts from a central point and expands outwards, creating a strong sense of depth and movement. The red rings are set against a black background, and the overall effect is reminiscent of a classic optical illusion.

MATUTANDO V: A GIRA NUNCA DEIXARÁ DE GIRAR

5.1 A GIRA NUNCA DEIXARÁ DE GIRAR

Laroyê, Exu!

Gostaria de saudar o rei das Encruzilhadas e gostaria de parafrasear uma canção interpretada por Maria Bethânia:

não mexe comigo que eu não ando só, que eu não ando só. O medo não me alcança, no deserto me acho, faço cobra morder o rabo, escorpião virar pirilampo. Meus pés recebem balsâmos, unguentos, suaves das mãos de Maria, irmão de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia, pensou que eu ando só? Atente ao tempo, não começa, nem termina, é nunca, é sempre, é tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra, fulmina o injusto, deixa nua a justiça.

Eu nunca andei só e jamais andarei. Quando começo a escrever o que seria o *final*, é o momento de fazer a retrospectiva de tudo que foi vivenciado, de tudo que passamos, aprendemos, ensinamos, refletimos e agradecemos. Chegamos até aqui. Nunca fui de romantizar a academia e quem me conhece sabe que sempre tive algumas críticas ao *academiquês* desde a graduação. Talvez a minha escrita para você leitor/leitora, seja um pouco diferente. Nossa, ela escreve dessa forma? É porque, para muitos, não escrevo dentro de todas as normas acadêmicas, porque quero que todas as pessoas consigam ler, compreender e se sentir parte deste trabalho. Eu sou muito orgulhosa neste momento e foi muito difícil sentir orgulho de mim mesma no processo. Porque, como já citei, a escrita é dolorosa, é árdua, solitária, nos deixa em pânico. Mas quando lembro do que aprendi dentro do NIEFAM, com todas as senhoras, com cada uma delas, brincando, cantando, dançando, chorando, rindo, ouvindo, principalmente ouvindo as suas histórias, é o que me faz continuar encruzilhando. O NIEFAM, a minha avó, as crianças que eu encontro, as minhas iguais. Todas elas são minhas ancestrais. Todas elas deixaram sementes na minha vida, na minha caminhada, para virar frutos em qualquer momento da vida, inclusive agora. Aprendi com cada uma e sou muito grata por isso. Estar com todas as senhoras nessa pesquisa foi um presente e um retorno a mim mesma. Porque, como diz o Sankofa³¹ nós temos que “voltar ao passado, ressignificar o presente e construir o futuro”. O que está também interligado a Leda Maria Martins, a Conceição Evaristo, a Edeise Gomes pois todas reconhecem que a nossa ancestralidade não é clivada em um só tempo. Ela é equilibrada no agora, do que estamos vivendo, do futuro, descaminhos que virão e do passado onde retomamos aquilo que nos pertence sempre: a ancestralidade. É a espiral, não a

³¹ A Sankofa é um símbolo de lembrança da história afro-americana e afro-brasileira. Ademais, ela recorda os erros do passado para que eles não sejam cometidos novamente no futuro. Isto é, representa a volta para adquirir conhecimentos do passado e a sabedoria. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/>. Acesso em 15 de junho de 2025.

linearidade. Por isso que, mais uma vez, se eu estou aqui agora, escrevendo, foi graças à minha espiritualidade, meu amor pelas senhoras, pela minha avó e por todas as minhas iguais, minha turma, que nunca me permitiram desistir.

No caminhar da pesquisa havia pensado que estava trabalhando como metodologia a ancestralidade. Mas na qualificação, na qual eu sou muito grata, tive uma amplitude de pensamentos e compreendi que as metodologias utilizadas eram o teatro e a musicalidade para assim, acessar as memórias ancestrais de cada senhora que estava presente nas oficinas. E quando foi dito isso na qualificação, abriu a minha mente para novos projetos, como, por exemplo, um possível doutorado, no qual poderei ter um estudo mais aprofundado, uma sabedoria maior: como utilizar a ancestralidade como metodologia de fato para as criações artísticas? A resposta ainda não sei, virá nas próximas espirais.

A ancestralidade anda lado a lado comigo, sem me dar conta da imensidão que ela poderia fazer dentro e fora de mim. Com ela pude descobrir-me negra, mesmo sendo desde quando nasci, ter uma curiosidade mais aguçada em ser uma pé de véia e saber tudo sobre Vó, entender que sem ela não consigo me mover, pois quem a tem se reconhece em aspectos inenarráveis.

Nesta pesquisa, quando iniciei, desde o projeto, as mudanças que ocorrem dentro dela, fizeram que surgissem vários questionamentos, que vêm desde a minha graduação: se era possível desenvolver uma metodologia a partir da ancestralidade – e não encontrei a resposta na graduação e ainda não encontrei a resposta também como mestranda. Mas não saio frustrada, muito pelo contrário, porque tudo que envolve a ancestralidade, o teatro, o cordel, a musicalidade, me preenche de uma forma muito significativa. E creio que utilizar como metodologias o teatro, o cordel e a musicalidade com as minhas senhoras, que é uma forma carinhosa que chamo elas, foi uma maneira de acessar esse resgate ancestral de cada uma, porque dentro do próprio NIEFAM, como já citei, elas se conhecem. Cada uma faz uma aula, faz pilates, faz dança circular, mas quando chega o momento de partilhar a sua história, as suas memórias, e como têm aqui algumas memórias que são muito tristes...

Ver a reação de todo mundo, o acolhimento de todas elas, com cada uma que contava uma história que fosse mais triste, ou quem não queria contar e chorava, enfim, é o que me deixa feliz, porque esse é o sentido de estar aqui fisicamente e deixar essas pequenas sementes. Porque elas são os frutos e as sementes para mim e é impossível descrever todo esse sentimento de potencialidade que cada senhora, minha avó, das mulheres que fazem parte da minha vida. Elas me dão o alimento farto para que possa alimentar todas as outras pessoas que encontrar no caminho. Porque esse é o sentido da sabedoria, ela vem dos/das mestras que muitas das vezes

não tiveram a mesma oportunidade que hoje muita gente têm. Irei citar um pequeno trecho do grande ancestre Nego Bispo da forma que ele fala e que eu interpreto como uma metáfora sobre sabedoria, ele cita:

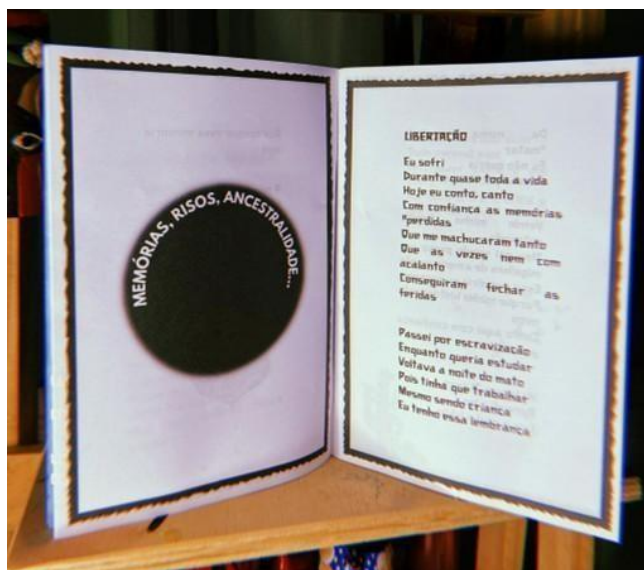
Ora, isso que se comprano supermercado como selo orgânico é um produto, às vezes, sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico [...] e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas vidas podem acessar (Bispo, 2023, p. 101).

Nessas palavras de Nego Bispo, vejo que se a sabedoria não pode ser acessada por todas pessoas, ela não faz sentido, não há sentido ter tantos títulos se esses ensinamentos não serão repassados. Estudar, compartilhar, aprender durante este trabalho me traz felicidade imensa, porque ver cada senhora compartilhando e acreditando que sua história é muito relevante na comunidade e que virou folheto de cordel para ser entregue para as cumades, familiares, é que fecho essa gira acreditando que a ancestralidade, o resgatar as memórias é que nos faz cada vez mais potentes e firmes para novas giras.

Portanto, espero que novos encontros possam acontecer e que eu, como pé de véia, continue procurando novas encruzilhadas nessas estradas, caminhadas da vida. Sou grata mais uma vez pelos aprendizados, pelas experiências e por essa encruzilhada ter possibilitado me encontrar de forma mais forte com minha ancestralidade. Muitas reflexões, estudar novas metodologias, práticas e bastante causos é que levarei para outros caminhos que a vida e minha espiritualidade me guiarem.

Modupè!

Figura 9: resultado do folheto “NIEFAM: memórias ancestrais” de forma impressa.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

6. REFERÊNCIAS ANCESTRAIS

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivência com Doenças Crônicas (NIEFAM): **SENHORAS DO NIEFAM, 2017-2025.**

Valda Rosa Ribeiro de Souza: **DONA VALDA QUE NÃO PARA QUIETA, 1997-2025.**

Pedro Pereira de Souza: **SEU PÊDO, 1997-2025.**

Dona Nadir da Mussuca: **Mestra do Samba de Pareia, 2017-2025.**

Jesuína Rosa Ribeiro: **Tia Dé (*in memoriam*) 1997-2022**

Jesuíno Pereira de Souza: **Tio Du (*in memoriam*) 1997-2024**

Sadu de Souza: **Vó Sadu (*in memoriam*) 1997-2013.**

Nailza Pereira de Souza: **Tia Naia (*in memoriam*) 1997-2013.**

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordeis/ Jarid Arraes [ilustrações Gabriela Pires] – 1o ed, - São Paulo: Seguinte, 2020.

BENO, César; SOLANGE de Cesar. **Conquistando o impossível**. Compositores: Beno César; Solange de Cesar. Intérprete: Jamily. São Paulo/Rio de Janeiro: Universal/Line Records, 2004.

BETHÂNIA, Maria; PINHEIRO, Paulo César. **Não mexe comigo**. In: BETHÂNIA, Maria. Carta de amor. [S.l.]: Biscoito Fino, 2012. Faixa 10. 1 disco sonoro (CD).

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **O teatro de cordel e formação para a cena**: Textos reunidos/ Prefácio Jean- Marie Pradier. – Salvador. P&A Gráfica e Editora, 2009

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**/Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CEUMAR. **Oração do anjo**. Autoria: Ceumar/ Mathilda Kovak; Intérprete: Ceumar; *In*: Meu Nome; Ano, 2009.

CLEYTON, Moisés. **Meu barquinho**. Compositor: Moisés Cleyton. Intérprete: Giseli Cristina; *In*: Não Desista, 2014.

CONSORTE, Josildeth Gomes; SANTANA, Marise de. **Mulher negra e ancestralidade**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2023. 1 recurso online. (Coleção África, presente! Negritude e luta antirracista).

CANDEIA; **Preciso me encontrar** Rio de Janeiro, Discos Marcus Pereira: 1976.

CANDEIA; **O mar serenou** Intérprete: Clara Nunes. Rio de Janeiro: Odeon, 1975. *In*: Claridade, 1975.

DIAS, Maria Aparecida Do Nascimento. **Um olhar sobre a velhice em “sangue da avó manchando a alcatifa” de mia couto**. Anais V ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/6152>.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **“No jeito que o corpo dá”**: memórias, transmissões e aprendizados na história de Dona Nadir. *In*: **Corpo negro**: Nadir da Mussuca, cenas e cenários da uma mulher quilombola. Editora UFS, São Cristovão- SE, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**/Conceição Evaristo. – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, M. C. P.. **Teneba raiz**. 1. ed. São Paulo: Urutau, 2021.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **Noites brasileiras**. Compositores: Luiz Gonzaga; Zé Dantas. Intérprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1954.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **O xote das meninas**. Compositores: Luiz Gonzaga; Zé Dantas. Intérprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1953.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flávia Rios, Márcia Lima – 1º ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudos das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MÃO BRANCA, Edigar. **Gabiraba**. Compositor/Intérprete: Edigar Mão Branca. *In*: Quando Deus Quer, É Assim, 2001.

MAR, Chiquinho do Além. **OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL**. Coordenação - Estudo Específico Sobre Metrificação na Literatura de Cordel, 2019. https://www.ifs.edu.br/images/arquivos/Biblioteca/CURSO_DE_METRIFICA%C3%87%C3%83O-_CORDEL.pdf

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte, 2021b.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó – 2021a.

PASSAPUSSO Russo. **Libertação** — Compositor: Russo Passapusso. Intérpretes: Elza Soares; part. BaianaSystem/Virgínia Rodrigues; *In*: Planeta Fome. Rio de Janeiro: Deck, 2019;

ROBERTO CARLOS. **Como é grande meu amor por você**. Compositor/Intérprete: Roberto Carlos. CBS, Rio de Janeiro. *In*: Roberto Carlos em Ritmo de Aventura, 1967.

SANTOS, Edeise Gomes Cardoso **Samba de pareia na encruzilhada**: Traduções de uma Dança Afrocentrada / Edeise Gomes Cardoso Santos. -- Salvador, 2017.

SPOLIN, Viola. **Jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo, Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula**: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TONICO & TINOCO. **Chico Mineiro**. Compositores: Tónico (João Salvador Pérez); Francisco Ribeiro. Intérpretes: Tónico & Tinoco. São Paulo: Continental. *In*: Percorrendo Meu Brasil, 1945.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez: Autores Associados, São Paulo, 1986.

WENCESLAU, Flávia. **Segredos do Mar**. Compositora/Intérprete: Flávia Wenceslau. *In*: Quase Primavera, 2007.

8. APÊNDICES

✚ Cordéis utilizados durante as oficinas tiradas do livro *Teneba Raíz* (caroline, mari, 2021).

PRÓLOGO

O meu nome eu não sei
 Você vai ter que adivinhar
 Ele tem quatro vogais,
 E várias formas de rimar.
 É a junção de dois nomes
 E aí? Já consegue decifrar?

Durante a gestação
 Ninguém sabia o que seria
 Menino ou menina?
 O mistério assim surgia
 Painho e Mainha,
 Só viviam na agonia.

No dia do meu nascimento
 Foi uma complicação
 Mainha estava sofrendo
 E eu não saía, não
 Depois de muita luta,
 Veio à lágrima de emoção.

“Meu Deus é menina!”
 A reação da minha vizinha
 Quando soube o que era
 Chorou junto com Mainha
 Por estar longe dela,
 E não poder sentir a netinha.

Mas, e o nome?
 Ficou o questionamento
 Mainha que já tinha alguns
 Já deu seu posicionamento
 Vai se chamar... Opa!
 Ainda não é o momento.

Mas hoje eu cresci
 Coberta de carinho e amor
 Agradeço a minha família
 Mainha, painho,
 Vó e Vô...
 Que me enche de orgulho

Em qualquer lugar que vou.

Minha vizinha já dizia
 Que artista eu ia ser
 Decidi fazer teatro
 Mas foi difícil convencer
 Principalmente mainha
 Da minha forma de crescer.

Mas o tempo foi passando
 E Mainha compreendeu
 Que fazer Teatro
 ia muito além de um sonho meu
 Era a minha essência
 O encontro com meu Eu

Sentia-me feliz
 Por ela ter apoiado
 Não há nada melhor
 Do que ter sua mãe ao lado
 Aceitando minha escolha
 De aprender e ensinar Teatro

“Mas, e o nome?
 Chegou a hora de saber
 Ele é muito “dos bunito
 E bem fácil de dizer
 É só ler o próximo cordel
 Para mais um pouco me conhecer

DONA VALDA QUE NÃO PARA QUIETA

Lá na fazenda onde nasci
 Era chamada de baixa escura
 Não sei o porquê do nome,
 Mas se sabe quando procura
 O lugar era feio demais
 Sorte minha nascer e ser essa belezura

Desde muito nova
 Eu já vivia na labuta
 “trabaiva” o dia “intirin”
 E depois do dia de luta
 “Nós queria” brincar no terrero
 Mas com 9 “ano” eu já era adulta

Painho era muito do brabo
 Não deixava a gente só
 Pra qualquer canto que nós fosse

Painho sabia de cor
 Batia em nós por qualquer coisa
 E eu vivia apanhando de cipó

Um dia lá na roça
 Eu e minhas irmãs deu de implicar
 Nós queria ir num casamento
 Mas o difiço era painho deixar
 Nós na flor da rebeldia
 “Fomo” sem painho desconfiar

Deixa eu contar
 Nós “fomo” sem ele saber
 “Pulemos” o cercado
 Sem ninguém perceber
 Mas não adiantou nada
 Pois o danado soube sem querer

Esse dia eu lembro inté hoje
 “Valda, Ana e Rita, senta cá”
 Era painho chamando a gente
 Pra mode perguntar
 “cês “foro” no casamento de cumade Alice?”
 Nós “num” medo que “num” conseguia nem falar

“RESPONDE LOGO!!”
 “fomo não, painho” nós falou
 O que foi o pior de tudo
 Pois Tia tinha visto a gente e contou
 A surra foi tão feia
 Que Rita “inté” hoje não o perdoou

Tinha uma roça vizinha
 Perto onde eu morava
 Nós ia lá colher
 As coisa que nós plantava
 Daí eu conheci um rapaz
 Que lá fazia morada

Nós começemo a conversar
 E eu fiquei encantada
 Por esse moço bonito
 Que inté coragem me dava
 De acordar cedin
 Sem reclamar de nada

Painho já desconfiado
 Começou a perguntar
 O porquê de minha alegria
 Pra mode ir trabaiar

Achou muito esquisito
E deu de implicar

Um dia painho foi lá...
Não pegou, não.
Esse dia o moço bonito não foi
O que de ruim se tornou bão
Na hora eu fiquei gelada
Que pela boca quase saia meu coração

Esse momento passou
Mas veio outro dia
Painho resmungava
E eu fingia que ouvia
Pois seu abrisse a boca
Na porrada eu caia

Quem dera minha fia
Esse homem (**pai**) era demais
Vivia na minha cola
Parecia que tinha olho a mais
No dia que ele descobriu
Pensei que nem estaria aqui mais

Menina assunta
Nós estava trabaiano
O moço estava nesse dia
E ficamo lá conversano
Painho surgiu no meio nada
E já foi logo ameaçano
“qual é tua intenção com minha fia?”
E o moço nervoso foi falano

“De sua filha eu quero o amor”
Disse o moço bonito
Que foi muito dos corajoso
Com aquele discurso bem-dito
Enfrentou painho de peito
Dizendo que dali só saia comigo

Nós casemos na roça mesmo
E viemo morar em Brumado
Fiquei grávida de seu Tio
E com o coração apertado
Pois seu avô viajava
Por esse mundão sagrado

As coisa não ficaram boa...
Seu avô deu pra beber
Eu com dois “fi” nas costas

Não sabia o que fazer
Se sorria ou se chorava
Ou com aquilo conviver

Um dia aqui em casa
Seu avô chegou embriagado
Os menino já estava grande
O que eu dou muito obrigado
Ele estava muito mal
Totalmente descontrolado...

Eu tentei conversar
E Neca evitou
Seu avô alterou a voz
E meu fio se transformou
Deu um xingo tão grande
Que o bichin logo se acanhou

Eu tive tua mãe
E a derradeira foi Ná
Que não foi planejada
Pois no dia que iria “ligar”
Descobri que nessa barriga
Tinha mais uma filha pra criar

Bem parou de beber
Está muito melhor
Voltou a trabalhar
Toma uma cerveja, mas só.
Aquele moço bonito voltou
Pra dar orgulho a sua vó

Hoje não consigo explicar
Esse tanto de carinho e amor
Dos meus fios, netos.
E também de seu avô
Levo vocês sempre comigo
Em qualquer lugar que eu vou

Meus fios criados
Apesar das dificuldades
Ver que eu consegui
A dar uma educação de verdade
Acho que vai muito além daqui
Vai pra outras vidas, é eternidade.

Meus netin tudo grande
E eu fico pensando aqui
Se não fosse vocês na vida
Não teria sentido estar aqui

Vocês é minha alegria
Mesmo longe de mim

CASAMENTO DE ROSINHA

Rosinha quando nova
Adorava brincar,
Brincava de casamento
E começava a sonhar
Na chegada de um moço bonito
Pra mode logo poder casar

Com idade curta
Já com esses pensamentos
Seu pai desconfiado
Ficou logo mais atento
Pois fia dele não podia
Daquela idade pensar em casamento

A mãe de rosinha lhe disse:
“menina olha o que tu vai levar
Tu conheces o teu pai
E sabe que uma pisa vai ganhar”
Rosinha fingia que ouvia
E voltava a brincar

Rosinha foi crescendo
Mas não mudou o pensamento
Aos 14 anos de idade
Já pensava em casamento
E o pai e a mãe agoniados
Com esse maldito tormento

Um certo dia
Algo lhe chamou atenção
Seus olhos brilhavam
E disparava o coração
Não era um moço bonito
Mas sim um violão

A partir daí
Tudo começou a mudar
Rosinha se descobriu cantora
E já desistiu de casar
Pois queria ser famosa
Pra sua família ajudar

Rosinha já estava conhecida
Por toda região

Cantava todo tipo de música
 Mas carregava em seu coração
 As raízes de sua família
 Que vieram lá do sertão

Um dia contando uns causo
 Começou a lembrar
 Da época de criança
 Quando sonhava em casar
 “pois não é que casei mesmo
 Mas com a cultura popular”

E ASSIM SE DEU

Me chamo Mariana
 Sou nordestina, do sertão
 Sou baiana, teneba
 Arretada, pé no chão
 Pois assunte e anote
 As rimas do meu mote
 E as guardem no coração

De longe, mas tão perto
 Eu vou lhes contar
 O que me trouxe até aqui
 E o que me faz continuar
 Deixo de lado a vaidade
 Conecto com a ancestralidade
 Para meu cordel declamar

Vou falar um pouco
 Sobre minhas encruzilhadas
 Das pessoas e lugares que conheci
 Na qual fiquei encantada
 Com os causos contados
 Risada para todos os lados
 Que merece ser compartilhada

Em Salvador em já morei –
 Com o coração apertado –
 Dez anos de minha vida.
 Meu sonho era estar ao lado
 Da minha vizinha tão querida
 Que mora lá em Brumado

Lá só era alegria!
 O dia inteirin para brincá
 Com os gatos, minhas primas
 E minha tia no quintá

E no sol das duas da tarde
Minha tia ia trabaiá.

Desde muito garotinha
Eu vivia nas cantorias
Músicas de flashback
Que só eu entendia,
Com o inglês bem cantado
Que muito me divertia.
Além dessa brincadeira
Existiam mais de um milhão
Essas eram com os meninos
Diferença? Não tinha isso, não
Brincava a tarde toda
Inté mãe gritar no portão.

Para chamar meus amigos
Gritava assim “Auíiiiiii”
Os guris já entendiam
E preparavam pra sair.
Isso era tão legal
Emoção boa de sentir.

Saudades é o que eu sinto
Do tempo bom que já passou.
Brincadeiras, alegrias,
Com as lembranças cá estou
Lembro de tudo, de todos.
E rezo pra quem já passarinho

✚ CORDEL: NIEFAM: MEMÓRIAS ANCESTRAIS



MARVADA PINGA

XXXXXXXXX
XXXXXXXXX
XXXXXXXXX
XXXXXXXXX
XXXXXXXXX



NIEFAM:



**MEMÓRIAS
ANCESTRAIS**